

Diário de Lisboa

DIRECTOR — JOAQUIM MANSO

TELEFONES: P. B. X, 2 0271, 2 0272, 2 0273
ENDEREÇO TELEGRÁFICO: DIBOA

REDACÇÃO, COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
RUA LUZ SORIANO, 44 a 48 — LISBOA

PROPRIEDADE DA RENASCENÇA GRAFICA
ADMINISTRAÇÃO — RUA DA ROSA, 57, 2.º

EDITOR — JOÃO CHRISOSTOMO DE SA
NUMERO AVULSO: 50 CENTAVOS



O sr. dr. Oliveira Salazar conversando com os srs. drs. Pedro Calmon, Olegário Mariano e Julio Dantas

Um almoço oferecido pelo Chefe do Governo

às missões das Academias brasileira e portuguesa

Na Sala dos Cisnes do Palácio da Vila de Sintra, realizou-se hoje um almoço de cinquenta e dois talheres, oferecido pelo sr. Presidente do Conselho, às delegações da Academia Brasileira de Letras e da Academia de Ciências de Lisboa, que têm estado a concluir os trabalhos de unificação da língua escrita dos dois países.

O serviço de policiamento na vila foi dirigido pelo sr. tenente Gavazzo.

A mesa estava ornamentada com lindos cravos, sobre um extenso tapete de avencas, no qual se destacavam lindas faianças árabes, do recheio do palácio, como todo o serviço utilizado. A decoração foi feita pelo engenheiro belga van Bellinghen.

O sr. dr. Oliveira Salazar chegou ao Palácio às 13 e 15, tendo sido muito aclamado, com palmas, por numerosas pessoas que se encontravam no largo fronteiro.

O protocolo era dirigido pelos srs. drs. Henrique Viana e João de Mendonça.

Presidiu o sr. dr. Oliveira Salazar e assistiram, além dos delegados académicos, os srs. professores drs. Caeiro da Mata e Amorim Ferreira, respectivamente ministro e subsecretário da Educação Nacional, professores Rui Ulrich e Mário de Albuquerque, António Ferro, director do Secretariado Nacional de Informação, conde J. de Almeida, visconde da Asseca, drs. Marcelo Matias, José Manuel da Costa, Joaquim Leitão, funcionários da Embaixada do Brasil, etc., e as sr.ªs duquesa de Palmela, viscondessa de Asseca, D. Genoveva de Lima Mayer Ulrich, D. Fernanda de Castro Ferro, D. Isabel e D. Helena Palmela, D. Maria Ulrich, D. Lysia e D. Helena Neves da Foutoura, filhas do embaixador do Brasil, D. Carolina Asseca, D. Maria Luiza de Mendonça, D. Lygia Garrido, sr.ª de Sampaio Garrido, de Albuquerque, de Bopp, o conservador do Palácio, sr. Casimiro Gomes da Silva, etc.

Aos brindes, o sr. dr. Oliveira Salazar principiou por dizer:

—Suponho que só os oradores e os poetas

(Continua na pag. central)

A esposa de Laval também foi inculpada

PARIS, 8.—A senhora Eugénia Laval, esposa de Pierre Laval, antigo presidente do conselho de Vichy, foi ontem acusada de entendimento com o inimigo, pelo investigador, juiz Marchat.

Ela declarou que nunca se intrometera na política e nada sabia acerca disso. Quando lhe perguntaram o que pensava da política de seu marido, respondeu que as explicações dele a tinham persuadido de que a sua política era a melhor para a França. Acrescentou que estava certa de que o seu procedimento tinha sido inspirado pelo seu amor pela França.—R.



Um aspecto da mesa, vendo-se os srs. drs. Oliveira Salazar e Caeiro da Mata

As teorias de Einstein

abolindo a distinção entre energia e matéria
estão no ponto de partida
da desintegração do átomo

Os telegramas que vêm do estrangeiro mantêm a curiosidade do publico, perante o mundo revolucionado que se adivinha e anuncia. Poderá dizer-se, até, sem sombras de exagero, que, perante a descoberta da energia atômica, o mundo subordinou todos os graus de interesse noticioso ao grande acontecimento que invadiu os multiplos sectores da actividade publica: a guerra, os acontecimentos politicos que estão a desenrolar-se, cedem, há 24 horas, o lugar a informação sobre os neutrões, os átomos, a energia atômica, a radioactividade...

Até que ponto, porém, poderá o grande publico penetrar na compreensão do grande novo mundo que lhe sugerem? Sente-se dominado por uma força poderosa, compreende vagamente que há qualquer coisa de grande sobre a Terra, mas não pode devarar a linguagem dos telegramas, penetrar nesse espaço proibido da ciência experimental, ainda mesmo quando os

cientistas julguem usar a linguagem mais clara, simples e acessível para o vulgo...
O que é um neutrão? O que é um átomo? O que é a radioactividade? O que é, em linguagem acessível, a energia que virá a acionar navios, aviões, automóveis, motores de fábricas? O simples enunciado, se o quisessemos publicar, revelar-nos-ia um complexo inacessível ao vulgo... Mas, é a um trabalho do sr. dr. Marques da Silva, assistente da Faculdade de Ciências, e que já ontem ouvimos sobre o assunto, que vamos tirar alguns elementos que ponham o publico perante as origens da descoberta. O trabalho, devemos dizer, pertence a periodo anterior ás ultimas divulgações.

«Durante todo o século XIX e, ainda, nos primeiros anos deste século, a Física e a Qui-

(Continua na pag. seguinte)

Só uma bomba atômica

equivale ao ataque
de duas mil Super-Fortalezas

—declarou o general Spaatz

GUAM, 8.—(Do correspondente especial da Reuter, Jack Smyth).—«É difícil acreditar no que vimos». Foi com estas palavras que o coronel aviador Paul W. Tibbets, piloto da «Super-Fortaleza» que na segunda-feira lançou a primeira bomba atômica sobre o Japão, descreveu o efeito da explosão que abalou Hiroshima.

O coronel Tibbets foi condecorado

com a Medalha de Vãos Distintos depois de regressar do ataque.

—A viagem—disse ele—correu sem incidentes. Largámos a bomba, por visão, exactamente ás 9 e 15 horas (hora japonesa) e saímos da área dos objectivos o mais rapidamente possível para evitar o efeito da explosão. Uma terrível nuvem de fumo adensou-se sobre Hiroshima, ocultando-a inteiramente. Quando sentimos a explosão, foi como se sentíssemos mesmo junto a nós o rebentar da artilharia anti-aérea. Estivemos sobre a área dos objectivos durante dois minutos.

O general Curtis Lemay, comandante do 21.º Comando de Bombardeiros, disse que as primeiras fotografias não mostravam nada mais do que fumo. Havia também sinais de extenso fogo danificador.

O capitão William Parsons, da Esquadra americana, que trabalhou no desenvolvimento da bomba, seguiu na «Super-Fortaleza» para observar os efeitos.

—Tudo o que se passou—disse—foi tremendo e encorajador. Depois de ter sido lançada a bomba, ainda sentimos o choque que nos fez abalar. Os homens que se encontravam comigo exclamaram: «Meu Deus!». Hiroshima estava transformada numa montanha de fumo. A centenas de metros do terreno, o fumo era como que um imenso cogumelo cobrindo a cidade. Durante minutos, observámos os sinais de incêndios. O exito da missão pode verificar-se pelo facto de a primeira prova de laboratório da nova bomba se ter realizado em Alamogordo, no Novo México, no dia 16 de julho, e o produto ter sido largado sobre o Japão 20 dias depois disso.

Quando lhe perguntaram se os homens da «Super-Fortaleza» sabiam qual era a sua missão, Parsons respondeu:

—Sabiam que transportavam qualquer coisa de grande e importante, mas não sabiam mais nada. Só três no avião—o coronel Tibbets, o bombardeiro maior Thomas Ferebee e eu próprio sabíamos qual o tipo de bomba que íamos lançar.

O general Carl Spaatz, comandante das forças aéreas estratégicas do Pacifico, disse na conferência á imprensa que o efeito de uma só bomba atômica era equivalente ao ataque de 2.000 «Super-Fortalezas».

—Uma das coisas que mais nos preocupava na Europa era o receio de que os alemães aperfeiçoassem alguma arma secreta comparável a esta. Os alemães realizavam experiências nesse sentido numa grande fábrica em Oranienburg, no extremo norte de Berlim, mas nós aniquilámos a fábrica num grande ataque na primavera do corrente ano.

Quando lhe perguntaram se a nova bomba teria apressado o fim da guerra europeia, o general Spaatz disse:

—Se a tivéssemos tido, a guerra teria sido abreviada 6 a 8 meses. Podíamos mesmo nem ter tido o dia «D».—(Reuter).

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

Os bonecos

de Piló

foram recebidos
com muita simpatia

no Rio de Janeiro

Um belo dia, Piló, triunfador de Portugal e da Espanha, pegou nas malas e nos caixotes e embarcou para o Brasil. Ia apresentar aos brasileiros uma arte que só ele, até hoje, entre nós, pelo menos, soube transferir com subtil ironia para a madeira: a arte dos seus bonecos. Sem dúvida, na sua bagagem, Piló não levava apenas bonecos para expor e não para vender—mas, ainda e principalmente, levava muitos projectos e sonhos. E o principal era uma excelente digressão pelas repúblicas da América do Sul—a caminho dos Estados Unidos. Notícias que ultimamente chegaram a Portugal diziam que, de facto, Piló, depois de um grande êxito no Rio de Janeiro, se aprontava para seguir para a Argentina. Mas, de repente, muito à supresa, Manuel Piló, sacudindo ligeiramente a cacimba do mar, descia em Lisboa de bordo do «Clipper» e ia encafiar-se num hotel da Baixa.

—Contentíssimo!—disse-nos.—Brasileiros e os portugueses não podiam ser mais amáveis...

—Mas, então, por que precipitou o regresso?

—O regresso, não. Venho apenas buscar família. Daqui por um mês, de novo para o Rio de Janeiro, onde conto demorar-me um ano. Irei então para a Argentina, Venezuela, Peru, México e, finalmente, os Estados Unidos, última «etapa» do meu sonho, onde quero educar meus filhos.

—Para quê um ano no Brasil?

—Para cumprir compromissos... E precisarei de alguns meses para realizar o meu programa, relativo ao folclore brasileiro. Tenho já alguns apontamentos e devo dizer-lhe que encontrei, no Brasil, coisas maravilhosas para os meus bonecos...

—E do seu êxito?

—Só devo dizer que me «aconteceu» um êxito, para o qual eu contribuí apenas com a colecção de bonecos. O resto, tudo obra dos portugueses e brasileiros. Fui sem apresentações, mas não calcula como tudo concorreu para o acolhimento que tive com os meus bonecos. Basta dizer-lhe que a Associação Brasileira de Imprensa, à frente da qual se encontra a figura prestigiosa de Herbert Moses, tomou a iniciativa de todos os passos para a realização da exposição nas suas salas, durante dez dias de assinalável interesse, por parte do público...

—E vendeu, portanto, os direitos de reprodução?

—Tive logo ofertas. Constituiu-se uma empresa que vai reproduzir os bonecos em madeira e até se deu uma coisa interessante: uma fábrica de sedas adquiriu os direitos de estampagem de todas as minhas criações artísticas... De resto, devo acrescentar que uma empresa paulista, adquiriu, também, direitos de reprodução em livros e estampas para criança.

—Um êxito cem por cento, pelo menos...

—Com filmagens, até. Três empresas de actualidades, que recolhem os acontecimentos da semana, não quiseram perder os meus bonecos.

—E o êxito financeiro?

—Vá lá... Devo dizer-lhe que, quando os bonecos foram expostos, já os direitos de reprodução tinham sido vendidos...

—Artistas novos, no Brasil?

—Dacosta, por exemplo, que acaba de obter uma bolsa do Estado, vai à cabeça dos modernistas, da escola de Portinari, naturalmente, influenciado pelo cubismo.

—Bonecos de madeira é que não havia por lá?

—Alguns emigrados de guerra tinham lançado no mercado qualquer coisa que estava longe dos meus objectivos.

—Que tal a vida no Rio?

—Caríssima! Entretanto, as viagens nos bondes da Lapa à Boavista, qualquer coisa como do Areeiro a Alges, continuam a custar 200 reis.

—E a Beatriz Costa?

—Acredito que não volte. No dia em que lhe inauguraram uma lápide no João Caetano, foi o que conclui da sua conversa. Está bem! E a menina bonita das plateias cariocas.

—A Carmen Miranda...

—Continua a ser a coqueluche da América...

—E a respeito de eleições?

—Bem vê, não frequentei meios políticos porque me não interessavam, mas dei conta do calor da propaganda.

—As manifestações da vitória?

—Uma loucura. Toda a alma brasileira se expandiu numa alegria contida há muito porque nem sequer tinham Carnaval, desde que o Brasil entrara em guerra. Não lhe digo nada: até viravam bondes e automóveis!

PASSAPORTE

Perdeu-se, pertencente a Antonio Marques do Amaral Nabais, gratifica-se a quem entregar ou indicar para Av. Antonio Augusto de Aguiar, 163, 4.º, Dr.º, tel. 44847.

As teorias de Einstein

(Continuação da pag. anterior)

mica eram dominadas por dois princípios fundamentais: o princípio da conservação da matéria, enunciado por Lavoisier, que afirmava a indestrutibilidade da matéria, e o princípio da conservação da energia que fazia idêntica afirmação, em relação à energia.

A matéria era, por si própria, inerte e toda a modificação por ela sofrida implicava absorção, cedência ou transito de energia. Podíamos, pois, dizer que a matéria era o «substratum» dos fenómenos físico-químicos de que a energia era a causa. A distinção entre matéria e energia era completa.

Com o aparecimento da teoria da Relatividade, enunciada por Einstein, esta separação entre a matéria e a energia desaparece. Os dois princípios de conservação deixam de ser válidos, separadamente, e aparece um novo princípio de conservação que engloba a matéria e a energia. Num fenómeno físico-químico pode haver, e há em geral, perda ou criação de matéria, mas haverá então, respectivamente, criação ou perda de energia por forma que a soma das quantidades de matéria e da energia se mantenha constante.

Esta concepção torna muito mais fácil a interpretação dos fenómenos físico-químicos. Por exemplo, a combinação de 12 g. de carbono com 32 g. de oxigénio, não produz exactamente 44 g. de anidrido carbónico, mas um pouco menos. A quantidade de matéria perdida aparece sob a forma de energia calorífica. A massa correspondente a esta energia somada à massa de anidrido carbónico obtida, dá então os 44 g. de matéria inicial.

Nas reacções químicas em que há absorção de energia calorífica, dá-se uma transformação inversa de energia em matéria. Dentro, portanto, desta concepção, a matéria e a energia são duas modalidades diferentes duma mesma entidade, susceptíveis de se transformar uma na

outra. Infelizmente, em todas as reacções químicas em que há libertação de energia, a quantidade de matéria que se transforma em energia é sempre uma parte mínima da quantidade total de matéria que intervém na reacção.

Por exemplo, a combustão de 1 g. de carvão, liberta aproximadamente 8.000 calorias. Se fosse possível transformar integralmente em energia 1 g. de carvão, obter-se-ia uma quantidade de energia três mil milhões de vezes maior, ou, o que é o mesmo, a desmaterialização de 1 g. de carvão forneceria a mesma quantidade de energia que a combustão de três mil toneladas desse combustível.

A descoberta da radioactividade veio abrir uma nova esperança à possibilidade da utilização da energia armazenada na matéria. Uma substância radioactiva tem a propriedade de se desintegrar espontaneamente: um átomo radioactivo emite uma partícula, dando origem a um átomo de natureza diferente. A utilização industrial da energia libertada na desintegração das substâncias radioactivas tem sido, no entanto, impossível pelo facto de os elementos radioactivos que se podem obter com relativa abundância se desintegram muito lentamente. Por isso, posto que na sua desintegração completa a energia libertada seja extraordinariamente grande, essa desintegração leva milhares de anos e, portanto, o ritmo de fornecimento de energia é muito pequeno. Os elementos radioactivos que se desintegram rapidamente não se podem obter, senão em quantidades extraordinariamente pequenas e, por isso, a quantidade de energia libertada era também muito pequena.

Supõe-se, portanto, que é a partir destes estudos que se descobriu agora a nova energia—uma nova força motriz, porque assim será um dia convertida, abrindo novos horizontes à medicina, à biologia, à indústria, a todas as actividades do ser humano e da própria natureza.

A aviação

aliada

continua o ataque
às cidades

da ilha Kyushu

MANILA, 8.—Mais de 300 aviões das forças aéreas do Extremo Oriente continuaram o ataque sistemático às cidades da ilha Kyushu. As linhas de comunicações foram também atacadas.

Mais de 200 bombardeiros e caças atacaram Kagoshima, principal porto e centro ferroviário do sul de Kyushu. Com «Invaders» e «Thunderbolts» atingiram o importante entroncamento ferroviário de Miyakonohe. Os «Invaders» atacaram com foguetes fábricas e centros ferroviários. «Liberators», «Mitchells» e «Thunderbolts» empregaram bombas incendiárias no ataque a Nagoshima, mas densas nuvens impediram que se observassem os resultados. Bombardeiros de patrulha afundaram um cargueiro de 3.000 toneladas e danificaram outro, no estreito de Tsushima.—(R.).

Aviões da esquadra de Nimitz
atacam a ilha de Wake

GUAM, 8.—O comunicado do almirante Chester Nimitz informa que aviões de navios porta-aviões americanos atacaram a ilha de Wake, na segunda-feira, e a navegação ao largo da costa chinesa.

Pequenas embarcações, edifícios e outras instalações da ilha de Wake foram destruídos ou danificados.

Navios de carga costeiros e instalações militares foram danificados ao largo da costa chinesa; foram abatidos 4 aparelhos nipónicos.—(R.).

Racionamento de gasolina

Hoje, podem circular livremente os carros particulares.

Aproveite a oportunidade para ir ao ESPELHO D'AGUA, onde lhe será servido por 35\$00 um esplêndido Jantar-Concerto, no ambiente mais deslumbrante de Lisboa.

Serviço de Bar-Dancing até às 2 horas, com entrada livre seleccionada.

LUSO

A's 21 e 30



Carlos Ramos



Caricias

GRANDE SESSÃO POPULAR, com os artistas: CARLOS RAMOS, ANTONIO CARICIAS, Alice Oliveira, Raquel Sousa, Sebastião Pires, Maria Fernanda—Acompanhamentos em guitarra e viola por CASIMIRO RAMOS e MARTINHO ASSUNÇÃO—SEXTA-FEIRA, 10—Estreia neste salão do formidável TRIO RIBERIZ.

RETIRO DOS MARIALVAS

A's 21 horas

Fados e guitarradas pelos discutidos artistas:

Alice Magina, Adelaide Cardoso, Manuel Fernandes, José M. do Amaral, Alberto Cardia e variações por José Nunes e Miguel Ramos.



Alice Magina

ENTRADA FRANCA

SALZEDAS??

A vossa curiosidade será satisfeita em breve



Berta Cardoso

Monumental

Largo Mendonça e Costa, 9 a 11

Rua Carvalho Araujo, 2 a 12

NOITE DA MODA



Julio Proença

Em NOITE DA MODA, tem V. Ex.ª hoje, no acreditado MONUMENTAL, a eminente ARTISTA BERTA CARDOSO (voz D'OURO do Fado), MARIA DA SAUDADE (vibrante), ISABEL D'OLIVEIRA (nostalgica de muito agrado), JULIO PROENÇA (um CONSAGRADO modador de musica e canto), MARIO JOSE PANINHO (fadista de raça sentimental), JULIO VIEITAS (vibrante e muito agradável), Joaquim CORDEIRO (um dos «ases» mais notado, no seu humorismo), e ainda solos de guitarra e viola, pelos eximios artistas: FRANCISCO CARVALHINHO e PAIS DA SILVA. MONUMENTAL marca pela sua GRANDEZA e BEM ESTAR que oferece a sua DISTINTA CLIENTELA. Os melhores ARTISTAS. SELECÇÃO e boa ORDEM.

MABEL

RUA GARRETT, 44

TELEFONE 27073

SALDOS

100\$00, 130\$00 e 150\$00



Brígida Silva

VERBENA DE S.ª CATARINA

Calçada do Combro, 82

NOITE DE FESTA



Freitas

O SIMPATICO e bem INTENCIONADO GRUPO DESPORTIVO FLORESTA DA CIDADE, que ENTRE os seus VALIOSOS SOCIOS, conta com RESPEITAVEIS COMERCIANTES, JORNALISTAS, POETAS, etc., REALIZA nesta encantadora VERBENA, hoje, uma FESTA DAS MAIS AGRADAVEIS da nossa CIDADE e nela tomam parte muitos CONSAGRADOS ARTISTAS que por SURPRESA a fazer ao DISTINTO PUBLICO, occultamos os seus NOMES. Para ABRILHANTAR o grandioso baile, exibem-se os populares e DISTINTOS MUSICOS DA ORQUESTRA MONUMENTAL. Em humorismo, fados e guitarradas JOSE DE FREITAS (o sr. Freitas), MARIA VIRGINIA, BRIGIDA SILVA, EMILIA PEREIRA, FERNANDA BATISTA, ROLANDA RODRIGUES, ANA MARIA, IVETE PESSOA, CARLOS LOURENÇO, JULIO PERES, JOAQUIM GERALDES, LINO CASAL'S, CIPRIANO DE CARVALHO, etc. SOLOS DE GUITARRA E VIOLA por dois EXIMIOS ARTISTAS. Para esta extraordinária e MEMORAVEL FESTA, onde V. Ex.ª passa uma noite agradável, a ENTRADA E' DE 2550. ORDEM, SELECÇÃO E O MELHOR BEM ESTAR.

ATENÇÃO—Diversos CONCURSOS, com VALIOSOS PREMIOS e a QUADRA MISTERIO, a que PODEM CONCORRER TODOS OS ASSISTENTES. NOITE DE GRANDE ALEGRIA.

HOJE NA FEIRA POPULAR

O POVO DE LISBOA

CONSAGRAR A AMIZADE LUSO-AMERICANA
NUMA APOTEÓTICA
HOMENAGEM AOS ESTADOS UNIDOS DA AMERICA
A'S 20,20 — GRANDIOSO JANTAR DE CONFRATERNIZAÇÃO
PRESIDIDO PELO ILUSTRE EMBAIXADOR DA AMERICA
DISTRIBUIÇÃO DE BANDEIRAS AMERICANAS E PORTUGUESAS
A TODOS OS VISITANTES
A'S 23,30

GRANDE MARCHA POPULAR

com milhares de archotes e balões, que partindo do Lago Azul
irá saudar o representante da Grande Nação Americana
No Stand Anglo-Americano e no Cinema Vitória serão distribuídos
25.000 exemplares da magnífica revista «Victory»
A'S 24 HORAS

será queimado um vistoso e deslumbrante FOGO DE ARTIFÍCIO
que terminará com uma peça monumental alegórica
Programas especiais nos «cabarets-dancings» NINA — PÁTIO
DO VIMIOSO e NAU CATRENETA
A NOITE DE HOJE NA FEIRA POPULAR DE LISBOA
SERÁ DE FESTA E DE CONSAGRAÇÃO
A UM GRANDE POVO DE UMA GRANDE NAÇÃO

AVENIDA TELEFONE 2 7 2 7 3
HOJE E TODAS AS NOITES
às 21 e 45
A comédia em 3 actos de Marcel Achard
DOMINÓ
tradução de Norberto Lopes
desempenhada pela companhia
Brunilde Judice-Alves da Costa
UM ESPETÁCULO ALEGRE
Aos domingos «matinée» às 16 horas

VARIEDADES 2 SESSÕES
A's 21 e às 23
A hilariante comédia musicada em 2 actos
CHUVA DE FILHOS
Com Mirita, Vasco, Alvaro Pereira,
Eunice Muñoz, Barroso Lopes,
Maria Fernanda, Carminda Pereira,
Isabel de Carvalho, Hortense Rizzo
e João Pío

A's 21 e 30 Pavilhão Português

Em pleno êxito: CARMELITA DE CORDOBA — PEPITA RUIZ
PYL Y MYL e su ballet e as «4 LUMINOSAS»
2 Orquestras: SOUSA PINTO — MIURAS DE SOBRÉ
NO ECRAN: Uma produção mexicana
SEDA, SANGUE E SOL
com o cantor Jorge Negrete e Glória Marin
SEVILHA A's 0,30

ARCADIA O DANCING N.º 1 DA CAPITAL

Apresenta um grandioso programa de atracções internacionais
e duas orquestras de ritmo moderno

THE DIXIE BOYS COM A VEGETA DE JAZZ MARY - MERCHE E ARCADIA



UNIVERSAL GENEVE
ALTA CATEGORIA
Relógios Inviulgaros



Um lugar no céu
comédia musical com Lena
Horne-Rochester e Ehael Wa-
ters
R. 27172 — A's 9,30

POLITEAMA
SIC 711.26305
Hoje, A's 21 e 30

ULTIMA
Os «Anjos» de grande
uniforme
com os «Incorrigíveis»
Navios em perigo
com Irene Manning

CONDES Carmen (A de Triana)
com Império Argentina
O castelo dos doidos
com Amparito Rivelles
e Rafael Duran
A's 21 e 30

ODEON ESTREIA DUPLA
SHERLOCK HOLMES
E A VOZ DO TERROR
com Basil Rathbone
A's 21 e 30

PALACIO Chegou o amor
com Glória Jeanne, Donald O'Connor
A's 21 e 30

REX O magnifico preguiçoso
Dois malucos à solta
Telef. 2 9655
A's 21 e 15

TIVOLI A bola de neve

A's 21 e 45
TELEF. 60593 com Monty Woolley, Roddy
Mc Dowall e Anna Baxter

EDEN Tempestade de verão
com George Sanders, Linda
Darnell e Ann Lee
A's 21,30
telef. 2 0768 «Matinées» diárias

CAPITOLIO No Salão às 21 e 15
As aventuras de Bufalo Bill
ORDENS MISTERIOSAS
No terraço, ao ar livre, às 21: As aventuras
de Bufalo Bill - Variedades por Marina Her-
vey, Quarteto Camagüey e a Orq. CARAVANA

LYS Fantasmas à solta
BEN-HUR
«el. 48560
A's 21 e 15

TERRASSE FANTASMAS À SOLTA
BEN-HUR
«el. 26917 — A's 21 e 15

CASINO UMA LUZ EM ALGER
com James Mason
ESTORIL A's 21 e 30

Teatros e Cinemas

EFEMÉRIDES

1941: Realiza-se no Parque de Párvula, ao
ar livre, a primeira representação em Portugal
da comédia de William Shakespeare, «Sonho
duma noite de verão», tradução de Charles Da-
vid Ley e João Gaspar Simões, representada
pela companhia do teatro D. Maria II.

Aniversários natalícios: o escritor teatral e
jornalista Maximo Brou (Dr. Artur Maximo
Brou); os actores Igrejas Caeiro (Francisco
Igrejas Caeiro) e António Rosa (António Ma-
ria José da Silva Rosa); as actrizes Cremilda
Tórres (Maria dos Prazeres Tórres) e Luiza Du-
raão.

A estreia desta noite

no teatro Avenida

Um novo autor teatral, e dos mais ilustres,
vai ser revelado esta noite ao publico lisboeta
— Marcel Achard. A peça que se estreia é
«Dominó», uma comédia espirituosa, satirizada,
em que se debate um conflito de almas
através duma contetura aparentemente frágil,
que não tira partido da vibração dramática,
da acção teatral propriamente dita, mas sim da
fantasia graciosa do autor, do espírito subtil
do diálogo, de pequenos pormenores de ob-
servação, do traço original das personagens.



Marcel Achard

«Dominó» é uma co-
média para sorrir. Pro-
porciona um espectá-
culo alegre, sem descer
a recursos condenáveis,
sem abusar de cordeli-
nhos fáceis. A figura
central da peça é um
sonhador e tudo se pas-
sa, de certo modo, en-
tre a realidade da vida
e o mundo irreal cria-
do pela imaginação do
autor. É um verdadei-
ro regalo para o espí-
rito — e devemos con-
fessar que o nosso publico começa a estar
educado, e se não está devemos começar a
educá-lo, para saborear em teatro os prazeres
do espírito.

A companhia Brunilde Judice-Alves da Cos-
ta vai interpretar esta noite «Dominó», com
o desejo louvável de revelar ao publico portu-
guês o encanto duma obra e o valor dum au-
tor que elle desconhece. Não tem intuíto co-
mercial, como se deixa ver, mas sim o pro-
pósito, digno de ser acarinhado, de abrir novos
horizontes ao gosto do publico.

Uma linda montagem, executada segundo
«maquettes» de Graziela Saviotti, documenta a
proibida artistica de Brunilde Judice e Alves
da Costa, que procuram abrir caminho com
dignidade, sem transigir com a rotina e o mau
gosto. O empresário José Loureiro, com inte-
ligente visão, proporcionou-lhes os meios de
realizarem o seu intento. Honra-lhe seja.

A estreia desta noite, seja qual for o agrado
que obtiver a peça de Marcel Achard, será um
passo em frente, uma «étape» que era pre-
ciso vencer para se chegar à meta desejada.
E como tal a devem considerar o publico e
a critica, esta esclarecendo e orientando, e
aquele procurando compreender e acarinhando
a iniciativa, que é digna do maior aplauso.

Atrás do reposteiro

— Em gozo de férias, seguiu hoje para a
Beira o empresário José Loureiro.

— Vão ser traduzidas e representadas em Es-
panha, as operetas «Coleta Encarnado» e «Na-
zaré», tendo já começado as negociações en-
tre as duas sociedades de autores.

— Estrearam-se com muito êxito no Funchal,
os «clowns» excêntricos musicais «Irmãos Emi-
lianos», artistas portugueses, que fazem parte
do Circo Maravilhas.

— A companhia do Teatro do Povo trabalha
na sexta-feira e no sábado em Miranda do
Douro.

— A segunda peça a representar no Sá da
Bandeira, do Póto, na época de inverno é a
revista «Bolacha Americana».

— Logo que suba à cena a opereta «Nazaré»,
entra em ensaios no Apolo, a nova revista «A
Rua», de António Porto, Aníbal Nazaré e Nel-
son de Barros.

O Apolo reabre depois de amanhã

com uma grande companhia
numa grande opereta!

Sexta-feira, á noite, reabre o mais popular
de todos os nossos teatros: o Apolo. E, para
corresponder á natural ansiedade do publico,
a empresa organizou uma companhia, que se
deve reputar de invulgar, pois engloba nela,
além das nossas duas mais aplaudidas vedetas,
Irene Isidro e Hermínia Silva; três grandes
actores cómicos, Costinha, Santos Carvalho
(R.) e Armando Machado; o barítono de voz
de ouro, Alberto Reis; e a radiosa mocidade
de Maria Clara. Depois, procurou uma peça
que correspondesse artisticamente ao valor dos
seus artistas e escolheu «Nazaré» a mais por-
tuguesa de todas as operetas. Assim, vai dar ao
seu publico fiel, depois de amanhã, um grande
espetáculo interpretado por uma grande com-
panhia.

Primeiras exhibições

«Um lugar no céu», no São Luiz

Vincent Minnelli realizou um belo filme jo-
gando com a alma da raça negra, com a sua
ingénua imaginação. São negros todos os in-
terpretes, surpreendentes artistas, alguns já co-
nhecidos do cinema, como Ethel Waters, Lena
Horne, Rochester, Luiz Armstrong, Rex In-
gram e Kenneth Spencer. Representando com
originalidade enternecedora, mas atingindo suc-
cedente altura, cantando de forma impres-
sionante e até bailando, para o que contam
com a grande orquestra de Duke Ellington,
oferecem-nos um espectáculo grandioso, quasi
inédito, recomendável.

Não se trata apenas dum filme musical com
negros, mas também espiritual. E os seus in-
terpretes estão naturalmente integrados no es-
pírito racico que o filme nos apresenta com
maravilhosa beleza.

Merece ser visto este belo filme, que no
programa é bem acompanhado por uma revista
de actualidades e vários outros complementos.
— Visor 55.

Só hoje e amanhã!

Os dois filmes que têm atraído Lisboa inteira ao Coliseu

O Coliseu tem sempre filmes que são de in-
teiro agrado. Hoje a penultima noite de um
programa de grande êxito, com a novela poli-
cial cheia de mistério «Um tiro no Estúdio»
e a comédia-farsa de situações hilariantes e
«clous» fantásticos de graça «Barbas conquista-
doras». Amanhã: despedida deste programa,
em «matinée» e á noite.

«O Correio da Imperatriz» e «A Legião de Fogo», sexta-feira, no Coliseu

São estes os filmes que constituem o progra-
ma que se estreia na sexta-feira, em «matinée»,
no Coliseu. O primeiro é uma deslumbrante
evocação da história da Itália, com uma ex-
traordinária interpretação da grande artista
Marta Abba; e o outro foca a emocionante
vida de um bombeiro.

PELARIA DO CARMO

TODOS OS DIAS

RETALHOS

GRANDE

SALDO DE SEDAS

81 — RUA DO CARMO — 83

DECK-BAR

ORGANIZAÇÃO MIAMI

TERRAÇO DO CAPITÓLIO

Todas as noites ás 0,30 horas

Um dancing ao ar livre como
nos terraços de New York!

GRANDES ATRACÇÕES
INTERNACIONAIS

Orquestra CARAVANA

Quarteto CAMAGÜEY

ASCENSOR ROLANTE

Rose Bar (dancing)

R. Rodrigues Sampaio, 46

Todos os dias ás 17 horas, chá

Aberto toda a noite

Terraços e Salão

PEÇAM PORTO POÇAS JUNIOR

Agentes distribuidores: Pérola do Oriente, L.
Rua da Rosa, 198 — Telef. 25565

Guia de Portugal

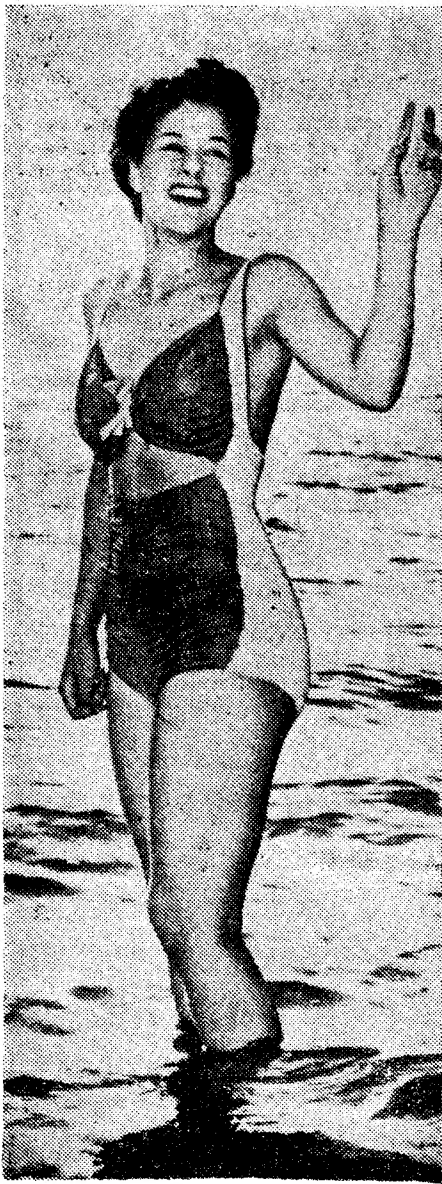
Saiu agora o III volume do «Guia de Portugal», notabilíssima obra que Raul Proença, o desempoeirado escritor que pertenceu ao grupo literário da «Biblioteca Nacional», iniciou quando ele ali exercia funções, em como Jaime Cortesão. Para este volume deixou Raul Proença numerosos apontamentos, tomados em mão por Santana Dionizio, que, com Afonso Lopes Vieira, António Sérgio, Aquilino Ribeiro, Ferreira de Castro, Reinaldo dos Santos, Raul Lino, Samuel Maia e Camara Reys, tomou o encargo, oficialmente proposto, de concluir o «Guia de Portugal». Ainda Julio Dantas, António Luiz Gomes e Costa Veiga se interessaram pela notável obra, que foi agora publicada. Este terceiro volume abrange as três Beiras: Litoral, Baixa e Alta, que são histórias e descrições e artisticamente catalogadas ao longo de mil páginas. Além destes, alguns dos nossos melhores escritores colaboram, entre outros, Raul Brandão. Falta ainda um quarto volume, que inclua as províncias do norte. Esperamos que ele se faça. Seria um erro deixar trunçada esta obra monumental, que é um extraordinário panorama da nossa terra. Edição da Biblioteca Nacional.

LER E ESCREVER

1 «Vida de Lisboa», de J. Viana da Mota. Um grande músico que interpreta um dos génios mais puros da harmonia. Vê-se que a existência do notável compositor teve beleza amorosa e interesse artístico. Edições Lopes da Silva.

2 Por sua viúva, num gesto carinhoso foram publicadas as «Últimas recordações», do jornalista D. Alberto Bramão. Muita coisa curiosa da pequena história que se lê com verdadeiro deleite.

3 «Psicologia do dinheiro», de Mario Gonçalves Viana. Não se suponha que se trata de um livro de finanças. O autor reuniu tudo quanto se disse ou diz sobre o vil metal sonante, e o papel mais ou menos corido dos bancos. Dados históricos, aventuras vividas, reflexões diversas, referências da Bíblia, costumes modernos, etc. É uma obra copiosa e interessante.



Um motivo literário, que se renova todos os anos. Como se vê, lá fora, o «mailot» de banho tem mais liberdade que em Portugal. Propomos aos cronistas desocupados estudar as diferenças, mesmo com um pouco de psicologia... original à Proust

VIDA Literária



Ramalho Ortigão viu os avós destas raparigas holandesas. Os trajos são os mesmos dessa já longínqua época do século passado. Falta um canal estreito, um moinho, com asas cartilagineas, sob um céu pesado de nuvens, para que o quadro da eterna Holanda, país anfíbio do norte da Europa, ficasse completo, mesmo que não tivesse a assinatura de Ruydael. Estas crianças sorriem, depois de alguns anos negros em que a sua pátria esteve cativa da Alemanha. Já era tempo

PASSADO

Como eu vos lembro (com que saudade!) tardes mortas da minha juventude, em que vibrava a ardente plenitude dos meus sonhos de amor e de ansiedade!

Caia o sol a jorros na cidade e sobre o Tejo em rutila inquietude. E as nuvens espalhavam amiúde seus flocos brancos pela imensidade.

Encostando á janela a face ardente eu meditava absorta, impaciente e, sem saber porquê, chorava e ria.

Ah! tardes mortas dessa primavera quando a menina tímida que eu era no seu divino sonho se escondia!

ARMINDA GONÇALVES

OS NOSSOS CONTOS

A última carta

por ANTUNES DA SILVA

Ao fim do dia, a mãe negra mostrara-lhe a carta. Num gesto precipitado, Matilde lera o primeiro período daquelas memórias da morte sem sentir bem o quanto ficava devendo a si mesma. Durante dois anos, o mais fundo mistério envolvera a razão nítida daquele amor.

E agora, ás duas da madrugada, a mãe chamara pela filha e pergunta-lhe, com voz fraca:

— Já lêste?

Matilde, em resposta, erguera-se da cama, sem forças para olhar o rosto da mãe. Pegou de novo na carta e ao conhecer, mais um vez, a letra, soltou uma brusca exclamação de surpresa.

A luz do candeeiro dava uma desmaiada claridade ao quarto. A mãe levantara mais a torcida e a filha leu as primeiras letras, como se estivesse rezando.

«Escrevo-te. Hei de escrever-te sempre, até que o último sopro de vida apague o fantasma do meu espírito criador. Tantas léguas, tantos continentes que nos separam e o meu coração a chamar-te como se estivesses a dois passos da minha cama. Estou doente, bastante mal, pelos ferimentos que recebi quando o avião que tripulava caiu. A guerra findou e eu era, até há poucos dias, piloto dum «Clipper» que fazia carreira para a França. Mas caí na Irlanda. Estou no hospital de S. Benedito. Ao escrever-te assim, com um lápis e aos bocados, é para que não julgues que te esqueço, na minha dor. Os médicos proibiram-me de fazer o mais leve esforço, mas eu não sou capaz de estar inactivo, olhando os outros doentes, ouvindo gemidos, vendo o sol nascer e pôr-se como um velho que pede ao céu a sua imortalidade. Escrevo-te abençoando a tua terra africana. Para chegar ao lado oriental do teu país, teria de passar dois continentes: a Europa e a própria África. Madagáscar é a ilha onde moras e onde eu moro, em pensamento. Há sete dias que me encontro aqui. Estes sujeitos têm-me cumulado de gentilezas, mas sinto, mais do que nunca senti, a glória duma ressurreição... Só agora vejo, em toda a plenitude da minha alma, o quanto vale a vida quando temos uma saudade para satisfazer. Pedi ao médico para me dar a carteira, porque queria mandar-te um telegrama com resposta paga, gastando eu todas as economias de que disponho só para que, no prazo de poucas horas, pudesse ler mil vezes as palavras de amor que tu me enviarias. Mas o médico é um carrasco—e não consentiu... Queria contar-te tudo, todos os minutos que sofro pela distância que nos separa. Mas o enfermeiro espia-me e só de madrugada, quando o vejo adormecido, posso escrever descansado, na febre que me devora. Não peço para me responderes porque quando a tua resposta chegasse, eu estaria morto ou do outro lado do Mundo, na América. Nestas palavras que te escrevo, sem artificios, contando para teu júbilo, pormenores da minha vida, espero conseguir somente o sossego da minha consciência. Lamento não ter sido um homem mais audaz, porque então, teria casado—conti-

O PRETO NO BRANCO

O Fado triste

O Madeira—Viriato de Jesus Madeira—é minhoto, natural da velha e nobre cidade de Guimarães, berço da Nacionalidade. Até aos vinte anos impregnou os seus olhos e, por intermédio destes, a sua alma das belezas locais—o castelo, o Toural, a estatua de D. Afonso Henriques e a Penha, com a outra estatua de Pio IX. E assim esta sua alma criou-se e desenvolveu-se entre estes dois símbolos do Heroísmo e da Fé. Isto quanto ao espírito porque, quanto ao físico, o cheiro á curtimenta da rua de Couros—que é muito saudável—e a acção benéfica e ligeiramente laxativa do «verde» da região, fizeram dele um robusto moço, loiro e corado, belo rebento duma raça dolicocefala, onde não há suspeita de sangue berbere ou doutra procedência menos pura. Ora este moço, exactamente quando fazia vinte anos depois de, com o pretexto de ter dois dedos dos pés acavalados, se viu livre do serviço militar foi obrigado pela família, que só via nisto o interesse dele, a vir para Lisboa, como empregado dum tio, muito rico e sem herdeiros, que tinha uma grande mercearia na capital.

Ele veio ralado de saudades, especialmente das «festas gualterianas», festas a S. Gualter, orgulho da sua nobre terra e em que ele tomava parte desde pequeno, e das suas surtidas a Braga, a Roma portuguesa, onde tinha amigos, companheiros dos «copinhos» nas locandas por detrás da Arcada e de serenatas acompanhadas a violão choroso, ás criadas de servir da rua de Santa Margarida. Porque Viriato Madeira era um lirico como todo o português, e um lirico com voz de tenor. Não seria um «cultivador» da canção nacional, porque lhe faltava o «estilo» só acessível aos homens morenos do sul. Mas na sua terra, a sua bela voz, sábia e forte, fora aproveitada pelo sr. conego Lemos, seu padrinho, para dar brilho a festividades religiosas. Chegara a cantar, acompanhado a orquestra o «Laudamus-te» e o «Tantum ergo, sacramentum», numa festa na Senhora-a-Branca, em Braga. Quando se encontrou em Lisboa, em

RAMADA CURTO

(Cont. na 9.ª pag.)

4 «Roteiro dos Monumentos Militares Portugueses», publicação de alto interesse, do sr. general João de Almeida, que preenche uma lacuna na nossa bibliografia. O sr. general João de Almeida, de uma indiscutível competência, dá-nos uma obra de grande valor histórico, escrita com interesse erudito. Atendendo á sua extensão é distribuída em fascículos pela Portucalense Editora, do Porto.

5 Carlos Sombrio, escritor e jornalista de aguda sensibilidade ficou, com o título de «Torturada», um caso de amor de uma vibrante intensidade psicológica. Um verdadeiro romance, onde a realidade encontrou um eco profundo de patético humano.

(Cont. na 9.ª pag.)

CRÍTICA LITERÁRIA

I—A arte e a realidade

Tendo eu observado aqui há dias que certo romance carecia de verdade humana, apressou-se a sua autora a objectar-me que tudo quanto na sua obra tinha posto fora directamente recolhido da realidade. Aqui está um argumento de que utilizam frequentes vezes os autores a quem são apontadas deficiências humanas na intriga ou na personalidade dos seus heróis. Compreende-se que assim seja. A primeira vista, dir-se-á mesmo que o argumento é conclusivo. Como não há de ser verdadeiro e humano o caso que nós conhecemos e mais não fazemos que relatar por palavras nossas? Realmente, a primeira vista, assim é. Basta, porém, um pouquinho de atenção para se reconhecer que tal argumento é destituído de valor.

Claro que a realidade tem um grande prestigio. Tudo quanto acontece nos romances deve poder dar-se na vida. Na vida está, portanto, o modelo ideal do romancista. Que é preciso, então, para sermos romancistas? Conhecer a vida e reproduzi-la. E' esta, pelo menos, a verdade elementar da estética do romance. Daqui, porém, a sua prática medeia um abismo. Renunciando mesmo a embrenhar-nos pelos complexos problemas da criação, basta atentarmos num facto de observação geral para nos darmos conta da falibilidade de tal principio. Está provado que duas testemunhas do mesmo caso raramente o reproduzem da igual maneira. Que um facto qualquer nos seja contado, portanto, por duas testemunhas diferentes e logo ele se nos apresentará distinto. Isto significa, evidentemente, que o facto em si não tem existência objectiva senão no momento em que acontece. Fora disso, passa a viver do testemunho daqueles que o presenciaram e cada uma das suas testemunhas fará viver de maneira diversa. Eis o verdadeiro principio da estética do romance. Fazer viver o facto testemunhado, fazer viver o caso que um dia teve realidade constitui a tarefa fundamental do romancista, quando o seu romance, claro está, se baseia em factos reais.

Pergunta-se: será igual, entre as testemunhas de um mesmo facto a capacidade de fazer viver o facto presenciado? Creio que não vale a pena discutir este ponto. Toda a gente tem ocasião de verificar que há pessoas diferentemente fadadas para contarem aquilo que vêem. Entre dois amigos nossos que assistiram na rua a um desastre, de automóvel há sempre um mais vivo, mais romancista na descrição do acidente. Narrando o mesmo caso, um fá-lo esquemáticamente, esquecendo pormenores essenciais, tornando, portanto, o desastre coisa sem expressão nem realidade; o outro, pelo contrário, põe nas suas palavras tal calor, tal vivacidade, tal observação, tal verdade—que o caso se repete diante de nós: presenciámos em imaginação o acidente que não vimos na realidade.

Perante isto torna-se evidente que um romancista não pode garantir a verdade do seu romance apenas com afirmar que conheceu o seus protagonistas e que a história deles é verdadeira. Se bastasse, para que um romance fosse humano e verdadeiro, o inspirar-se em factos reais, não seriam romancistas todos os homens? Pois não é esquecer a natureza artística do romance dar como argumento da sua humanidade o facto de as suas personagens e intriga terem uma origem real? Se este argumento bastasse para provar que um romance falso é verdadeiro, também o pintor que não afiançasse que a paisagem do seu quadro existia nos convenceria da excelência da sua pintura. Aceitar como bom tal argumento é destruir completamente o prestigio da arte. No romance ou na pintura a realidade só importa como motivo de interpretação. Não é a realidade que dá valor á obra de arte, mas o talento daquele que a interpreta.

II—O realismo social e o realismo psicológico

Claro está que o valor destes argumentos tem importância capital quando o romance em causa se filia na tradição realista. Realismo ou neo-realismo, são manifestações literárias directamente dependentes da realidade. Entre nós o prestigio destas escolas parece intangível. O magistério de Eça de Queiroz apenas foi ligeiramente ofuscado pelos novos mestres realistas: os neo-realistas. Isto não quer dizer, todavia, que o realismo e o neo-realismo sejam as únicas correntes vivas do romance contemporâneo. Pelo contrário. No novo pós-guerra que já se esboça, nota-se uma reacção verdadeiramente salutar contra o chamado neo-realismo ou realismo social, nova modalidade do naturalismo. E' ler o ensaio de Philip Toynbee, *The Decline and Future of the English Novel*, publicado num dos ultimos numeros do *Penguin New Writing*. Ali se faz um impressionante inventário ás ultimas manifestações do romance europeu, concluindo-se pela falência do chamado «social realism» e preconizando-se um regresso ao modelo clássico: o romance de Flaubert, por exemplo, pois todas as improvisações, e o neo-realismo é improvisação, são nefastas á obra de arte.

O MAL E O BEM e outras novelas, por Domingos Monteiro

Entre nós, muita vez o temos dito aqui, passou-se velozmente do realismo queiroziano para o realismo social ou neo-realismo, tendo deixado quasi completamente de parte as manifestações do realismo psicológico ou do romance de análise, honra e glória da literatura de ficção do nosso século. Raros são os documentos dessa tendência caracteristicamente moderna do romance europeu com que podemos vangloriar. Felizmente, porém, alguns existem e a débil tradição parece estar longe de se extinguir.

Quando há dois anos apareceu o primeiro volume de novelas de Domingos Monteiro, *Enfermaria, Prisão e Casa Mortuária*, afigurou-se-nos ver ressurgir a tradição mal despertada do romance psicológico. Dostoiévski tinha em Domingos Monteiro um discípulo português. Não se tratava, porém, de um caso meramente literário. Se é certo haver afinidades de temperamento e cultura que justificam filiações literárias muitas vezes sem conexão consciente, o certo é que, lá o diz André Gide, depois do *Werther* muitos homens se suicidaram em circunstâncias perfeitamente idênticas ás daquela figura literária.

No seu primeiro livro, Domingos Monteiro patenteava imprecisamente uma vocação de novelista psicológico que este novo livro vem consolidar plenamente. *O Mal e o Bem* (Editorial Ibérica, Porto) já não nos pode deixar dúvidas. Estamos em frente de um novelista—quidá de um romancista—inteiramente alheio ás correntes mais em voga na nossa actual literatura de ficção. Se há hoje entre nós romancistas que se vangloriam de ser humanos e mostrar simpatia pelos humildes, a verdade é que ao pé das de Domingos Monteiro a humanidade e a simpatia humana desses escritores não passa de um arremedo literário. E' certo que o autor de *O Mal e o Bem* não escolhe para tema das suas obras ambientes rústicos ou conflitos sociais. Não há nas suas novelas qualquer preconceito de classe. Nisso consiste em grande parte a pseudo humanidade dos tais escritores humanos. O realismo de Domingos Monteiro não é social, é psicológico; a sua simpatia humana não é convencional, é íntima.

Na base do realismo social ou neo-realismo há um equívoco já várias vezes por nós denunciado. O chamado amor da humanidade é uma abstracção. Amar a humanidade é o mesmo que amar a entidade homem enquanto entidade geral e abstracta. Não se amam abstracções, pela simples razão de que o amor é um sentimento e os sentimentos se apoiam naquilo que no homem é mais concreto e preciso: a sua capacidade de experimentar individualmente a vida. Quere dizer que o amor é um sentimento concreto, um estreitamento de todo o ser, uma corrente de simpatia que se não concebe pela inteligência, mas se vive com o coração. Isto explica que o realismo social, em cuja estrutura está uma postulação ideológica, se possa consagrar á defesa do homem enquanto entidade social, aceitando esta defesa como um principio doutrinário. Não é preciso que o escritor que tenha aceite os principios do realismo social experimente, de facto, simpatia profunda pelo homem e pelos seus problemas: basta que a conceba como ideia moral ou de combate. Daqui que os neo-realistas se ocupem do homem como membro de uma classe e formulem os problemas humanos em função dela, não em função dos individuos que a constituem. Outro é o ponto de vista do realismo psicológico. Outro é a essência de toda a grande arte de ficção.

Na obra de Domingos Monteiro, surge, pela primeira vez nas nossas letras, excluindo o caso de Raul Brandão limitado nas suas implicações psicológicas e intelectuais, aquilo a que se pode chamar a comoção perante a miséria humana. Já em *Enfermaria* esse sentimento se revelara. Agora, porém, sobretudo nas duas novelas deste livro, *A Menina Cega* e *O Encontro* naquela principalmente, essa comoção torna-se verdadeira arte: ganha uma expressão estética superior. Conquanto a pequenita cega pertença a uma classe social desprotegida e a pobre rapariga abandonada seja uma simples empregada, não é a situação social de qualquer destes seres que desperta a comoção humana do escritor. Não há nelle revolta ou piedade, crítica ou propaganda, mas comoção espiritual ante as almas que sofrem.

No livro de Domingos Monteiro, além destas duas novelas, há outra: aquela que dá o titulo á obra. *O Mal e o Bem*, embora aparentemente se afaste do sentimento dominante na obra deste escritor, representa, por assim dizer, a dialética moral que enforma a obra onde foi possível comparecer uma tão funda e como-

vente simpatia humana. Também Dostoiévski era capaz de debates morais á beira do paradoxo. *Os Possessos* têm muitas páginas assim. E' que é preciso atingir as fronteiras do absurdo para os problemas terrenos transcendem a verdade epidémica.

Que é que se debate em *O Mal e o Bem*? O conflito entre a moral e a consciência, a forma e o espirito, a terra e o céu. Aquele diabólico Rodrigues, um homem de bem, porque cumpria a letra do código moral, mas lhe infringia cinicamente o espirito, está colocado diante do bom Porfírio, uma consciência recta, talvez ignorante até dos principios morais, mas transcendentemente impregnado deles, para demonstrar como são vãos os preconceitos morais que se filiam exclusivamente no respeito ético. Quando, após ter disparado contra Rodrigues, que cai morto, Porfírio verifica que este deixara uma carta em que declarava ter-se suicidado, a sua reacção é completamente diferente daquela a que teria obedecido o próprio Rodrigues. Em vez de se utilizar da carta como «calib», rasga-a, decidido a arcar com a responsabilidade do seu crime. Homem de bem, Rodrigues, porque sempre, no meio dos crimes mais repugnantes, soubera manter intactas as formulas morais, naquela emergência não teria hesitado: a carta lê-lo-ia ilibado. Mas Porfírio, que já infringira o código moral, emprestando dinheiro que não era seu, esse, perante a sociedade homem imortal, tinha consigo uma medida moral diferente. Não lhe bastava a aparência moral, alguma coisa nelle lhe exigia um respeito sagrado por aquilo que ele concebia como o Bem. «Os outros e ele próprio deviam ser, para o homem, não um meio, mas um fim» — eis as palavras que lhe acodem quando se dá conta da monstruosidade moral de Rodrigues. «Aquele homem invertia esse principio sagrado. De tudo—da lei, da moral e dos homens—fizera meios para realizar os seus monstruosos fins». Estas palavras que lhe atravessam a consciência, são, por assim dizer, o pensamento essencial da ética de Domingos Monteiro. O seu realismo psicológico filia-se legitimamente nelas. De facto, aquilo que distingue a sua obra, moral e esteticamente, do chamado realismo social ou neo-realismo está expresso aí. Não é um meio o seu amor do homem: não é um meio a sua arte. Se há piedade e compaixão nas páginas das suas novelas, não é piedade meio nem compaixão meio: é piedade fim, compaixão fim. A sua obra é uma verdadeira obra de arte, porque não pretende explorar os sentimentos humanos com vista a atingir determinados fins.

III—Originalidade e verosimilhança

Este novo livro de Domingos Monteiro apresenta um progresso em relação ao anterior. O seu caso é muito especial, aliás. Não devemos procurar nelle a evolução do «literato» que começou tateando um assunto e acabou por se apossar dele. Domingos Monteiro surgiu na literatura de ficção homem feito. Para ele a novela é antes de mais nada um meio de depuração: uma catarse. Isto explica o quanto há de fluente na sua expressão. Se em *Enfermaria*, *Prisão e Casa Mortuária*, o estilo era frouxo e inseguro, em *O Mal e o Bem* já se não pode falar precisamente em frouxidão e insegurança. Percebe-se que Domingos Monteiro começa a dominar a forma, sem de modo algum ter transigido com ela. Melhor: a forma vai-se apagando cada vez mais perante a força que emana do fundo. Isto não quer dizer que os principios senões a apontar ao seu livro não se encontrem precisamente no estilo, melhor, na expressão. Nada a dizer sobre a qualidade da sua prosa: é clara e fluente. Há, porém, que observar ao novelista quanto são delicados os processos estéticos. Por mais humanos que sejam os temas de uma novela, há sempre que atender á sua realização. A força da primeira narrativa deste livro é por vezes prejudicada, por exemplo, pela sua própria dialética. Numa novela, mesmo quando a novela se desenvolve num plano intelectual, o que acontece com algumas das melhores obras do mestre do *Crime e Castigo*, nunca se pode perder de vista a sua estrutura real. Se uma personagem de nome Rodrigues, visivelmente comerciante de profissão, usa no seu trato diário com os empregados uma linguagem tão intelectual como aquela que emprega no seu dialogo com Porfírio Gonçalves, o leitor não pode deixar de sentir seja o que for de postico no conflito a que assiste. E' certo que *O Mal e o Bem* não é uma novela realista. E' certo que a profundidade do seu problema domina por completo a capacidade critica do leitor. Mas ainda assim. Uma das condições permanentes de toda a obra de arte é que seja obra de arte: isto é, criação imaginativa ca-

paz de provocar reacções paralelas ás que a própria realidade proporciona.

Das três novelas deste novo livro de Domingos Monteiro é *A Menina Cega* aquela que se me afigura mais completamente integrada nos principios da obra de arte. Nela se não denuncia nenhum fio falso na trama geral da composição. Isto não quer dizer que *A Menina Cega* seja uma obra mais realista que as outras. Nenhuma das novelas de Domingos Monteiro é realista senão do ponto de vista psicológico. Quere dizer: as circunstancias físicas, concretas ou sociais das suas intrigas não importam para a valorização real do seu tema. Todas elas são mais ou menos poéticas ou imaginativas. Nelas profundamente real é o caso psicológico ou dialéctico. Aí está porque todas são igualmente humanas, não obstante os lapsos de verosimilhança que se podem notar naquelas mesmas que nada perdem na força da sua humanidade. *A Menina Cega* é uma página admirável, extraordinária. E' das mais profundas novelas que se têm escrito em português. O equilibrio entre a matéria novelística e a expressão mantem-se de principio a fim. Já o mesmo se não dá na ultima, onde, aliás, a originalidade do tema é flagrante. Domingos Monteiro mostra aqui mais uma vez a sua afeição aos casos simbólicos. Tratado no teatro, o tema de *O Encontro* atingiria uma potencialidade expressiva que as condições da novela amesquinham. De facto, o dialogo entre as duas mulheres de luto assume, por vezes, uma transcendência dialéctica imprópria das condições reais em que elas se encontram. Uma pobre empregada, confessando-se, num momento doloroso, a uma desconhecida seria menos cerebral, menos filosófica nas suas palavras. «Contudo eu acreditava nelle como em ninguém», dizia ela. «E' que há duas mentiras: uma que diz respeito ás coisas, e que não tem importância, e outra, que interessa ao que está por dentro...». Pois não haverá aqui intelectualismo demasiado, demasiada critica para uma infeliz que procura explicar os sentimentos, realmente invulgares, mas verosímiles, contudo, que a prendiam ao estranho morte? Aliás, esta mesma impropriedade de linguagem se nota nas palavras da sua interlocutora.

Desde que Domingos Monteiro consiga harmonizar a originalidade dos seus temas com as condições verosímiles das suas personagens todos estes senões desaparecerão. De resto, em *A Menina Cega*, há originalidade e verosimilhança. Das três novelas deste livro invulgar é esta, sem dúvida, a mais perfeita como obra de arte. Estamos em frente de um caso excepcional da nossa literatura novelística. Oxalá Domingos Monteiro saiba encontrar em obras futuras o equilibrio que ficamos esperando dele. Entretanto *A Menina Cega* contará como uma das mais belas páginas da nossa literatura de ficção.

JOÃO GASPAR SIMÕES

REGISTO DE LIVROS RECEBIDOS:

Circo, Leão Penedo. Gleba. Lisboa.
A Arte e a Máquina, Oliveira Cabral. Lisboa.
Quatro palavras sobre urbanização, Raul Lino. Ed. Valentim de Carvalho, Lisboa.
Pedra do Feitiço, Ferreira da Costa. Educação Nacional. Porto.
Historia Breve de Portugal, Caetano Beirão. Editorial Logos. Lisboa.
Fernando Pessoa, Poesia, Introdução e selecção de Adolfo Casais Monteiro. Confluência. Lisboa.
A Floresta dos Enforcados, Liviu Reboreanu. Gleba. Lisboa.
Maria da Lua, Fernanda de Castro. Livraria Tavares Martins. Porto.

T. S. F.

Reparações em toda a classe de receptores por muito difíceis que sejam, executam-se na bem conhecida

ELECTRO-LISBOA, L. DA

Basta telefonar e, sem mais incomodos, V. Ex.ª receberá o seu Rádio devidamente afinado

ORÇAMENTOS GRATIS

246, 248, RUA AUGUSTA — Tel. 20568

Jóias — Pratas antigas

Compramos sempre por bom preço

BARRETO & GONÇALVES, L.ª

AVALIADOR OFICIAL

17, Rua Eugénio dos Santos, 19

ECOS

José Cassiano Neves publicou um opusculo com este título — «O Conde de Ficalho», como contribuição para uma futura biografia. Reanimou, dando-lhe o relevo merecido, a figura do homem de letras e grande fidalgo, tanto nos domínios do espírito como nos da sociedade.

Conseguiu José Cassiano Neves mostrar-nos, com muito brilho, o conde de Ficalho nos vários aspectos da sua fecunda acção—escritor, professor, homem de ciência, homem da corte, académico e diplomata, presidente do grupo dos «Vencidos da Vida». Sempre senhor e sempre português de grande linhagem. Privou com os reis e com o povo. José Cassiano diz-nos, no seu opusculo o seguinte:

—«Vindo de Serpa para Lisboa, Francisco de Melo não podia deixar de ser influenciado pelo meio onde vivia; e só assim se explica a resposta dada a um primo co-irmão, o Conde de Sobral, quasi da mesma idade, quando este lhe perguntou o que desejava ver na vida: «Quero ser um janota», foi a resposta. No meio duma sociedade elegante, mas pouco culta, o seu ideal na vida era ser janota.

Felizmente para ele, e para nós, que o admiramos, Francisco de Melo não se limitou a ser janota».

Já se fala na possibilidade de ir até à Lua, em agradável diversão, graças à nova descoberta—a desintegração do átomo.

Reaparecem as asas de Ícaro? Quando a ciência alarga o plano das suas conquistas, os homens resuscitam os velhos mitos. Talvez aconteça que nós não possamos tirar bilhete para a Lua, mas o que com certeza vai dar-se é uma revolução profunda nos métodos do trabalho humano. Sendo a nossa época especialmente fadada para os problemas económicos e sociais, o átomo oferece-nos uma ponte para o ilimitado.

Vão reabrir-se, enfim, as portas do Paraíso?

Houve quem, nos fins do século passado, afirmasse que Deus nos espera, depois de havermos vencido a matéria...

Pergunta-nos «um lisboeta cismático» se o Conselheiro Acácio existiu ou foi invenção de Eça de Queiroz.

Em todo o caso, salvo melhor opinião, diremos que o ilustre e sentencioso personagem não passa duma graciosa fábula, extraída da grandeza e da miséria do Portugal de há cinquenta anos. Constitue um símbolo. O Conselheiro Acácio é mais real que a realidade. Se fôsse homem em carne e osso, teria a limitação duma pobre vida. Mas não: criado e trabalhado por um mestre ironista, a sua existência torna-se impalpável, mas sólida e garantida contra as «variações» da raça.

Quem, por muito inteligente e astuto que seja, se lança na solenidade, no metáforismo, no estilo asiático, na retórica e na encarnação confortável do ridículo, passa logo à categoria de Acácio. Que todos se vigiem com atenção!

O Conselheiro Acácio, sem papéis que o identifiquem, é o complemento negativo e pitoresco da nossa aventura, á busca duma acomodação dum lugar rendoso, no «Reino das Bagatelas». Ainda há pouco ouvimos alguém que se exprimia assim: —«Sinto-me um mestre e um apóstolo!»

—«A glória é o preço por que se agam os feitos ilustres».

O Conselheiro sorria, encantado:

ESTAÇÃO DE ALMODOVAR

A Direcção Geral dos Caminhos de Ferro vai construir junto da estação de Almodovar uma série de moradias destinadas à habitação do pessoal que ali presta serviço. As propostas para a adjudicação da obra foram hoje recebidas na mesma Direcção Geral.

A Simpatia É O Iman Da Vida

Seja simpático. Ofereça prendas da Grande Ourivesaria da Moda 257. Rua da Prata (Esq. de Santa Justa).

O «Diário de Lisboa» vende-se em Castelo Branco na casa Policarpo dos Santos Silva.

Nova York

vai ter o espectáculo sensacional da corrida de touros

No «Lusitania-Expresso» chegou hoje a Lisboa um norte-americano que acaba de tomar alternativa de matador de touros em Madrid, Sidney Franklin, que assim se valorizou como «doutor» da tauromaquia, autentico, mais que



Sidney Franklin

«honoris-causa», categoria que na América acreditava ainda mais a sua qualidade de visor de filmes de «Bullfight». Sidney Franklin, a quem Walt Disney dedicou o seu maravilhoso «Bany», tem sido, além de produtor, visor de filmes de touros, como o «Toureiro à força», de Eddie Cantor.

—Faça favor de declarar que não colaborei nas espanholadas de «Sangre y Arena», aliás um prodígio do aproveitamento do colorido. —pede-nos logo de entrada.

E diz-nos mais:

—Regressarei à América do Norte depois de tourear mais algumas corridas em Espanha e, agora, para organizar em Nova York, em Madison Square Garden, 48 espectáculos tauromáquicos em 21 dias, um «record» bem americano. Aproveitando as exhibições de «El Rodeo», lidarei ali um touro em cada espectáculo, auxiliado por toureiros que levo de Espanha, e outros do México, onde comprei os touros.

—Touros embolados?

—Nem embolados, nem com as pontas cortadas, o que equivale a tirar a uma espingarda o ponto de mira. Os touros sem pontas não sabem investir, perdem a direcção e a noção das distancias.

Recordamos a sua horrível colhida de há anos em Madrid e a sua estreia em Sevilha, onde então surpreendeu todos os que julgavam impossível um norte-americano toureiro, e perguntamos-lhe que diferença veio encontrar agora no toureio moderno.

—Quando eu apareci toureando parado, «fazendo a estatua», como agora se diz, acharam que era impossível tourear assim. E, com o touro de cinco anos que então se lidava, era realmente quasi impossível. Agora, com o touro de três anos é tão possível que todos imitam «Manolete».

Dito isto, Sidney Franklin, satisfeito com a síntese que nos deu acerca da evolução do toureio, e satisfeito consigo próprio, começou a abrir as suas malas de alumínio, resistentes e leves, com vista aos tombos dos carregadores e aos vôos de avião, e delas tirou em primeiro lugar o «smoking» branco com que esta noite assistirá à festa norte-americana da Feira Popular.

A esquadra aliada vai intensificar os ataques ao Japão

NOVA YORK, 8.—O informador do Ministério da Marinha, falando hoje pela rádio, declarou que a 3.ª Esquadra Americana—na qual estão encorporadas várias unidades britânicas—se encontra de novo ao largo das ilhas metropolitanas japonesas e vai recommençar a destruição de importantes instalações da costa nipônica. (Reuter).

Os preparativos para os desembarques

GUAM, 8.—Diz-se aqui que os resultados conseguidos com a bomba atômica não alteraram de maneira alguma os planos aliados para a invasão do Japão. Continuam os preparativos para desembarques anfíbios e estão a ser ainda trazidos dos teatros da guerra da Europa muitos milhares de soldados. Ao mesmo tempo estão a ser transportados para os lugares onde se tornam mais urgentes abastecimentos e material de guerra. (R.).

ÁGUA do ALARDO purissima

Foi conhecida de muitos. Agora conhecida de todos.

O orçamento

suplementar da Câmara Municipal e as obras em curso na cidade de Lisboa

O orçamento suplementar da Câmara Municipal de Lisboa, há dias notado, comporta um certo numero de verbas correspondentes a obras em curso em principio.

Cumpra destacar na despesa extraordinária: Para trabalhos preparatórios e demolições destinadas à remodelação da Baixa—500 contos; para estudos e obras da Avenida de Ceuta—2.010 contos; para obras e apetrechamento de novas escolas primárias—660 contos; para caminhos, arborização e várias construções no Parque Florestal de Monsanto—1.150 contos; para habitações de famílias pobres (casas desmontáveis)—6.220 contos; para construção de balneários—1.000 contos.

Na despesa ordinária, e cujo orçamento foi também reforçado, notam-se outras obras:

Reconstrução e reparações: no Campo 28 de Maio—1.290 contos; no Campo de Santa Clara—500 contos; no bairro da Picheleira—500 contos.

Jardins e viveiros: Alto de Santo Amaro—160 contos; Campo 28 de Maio—800 contos; Cordoaria Nacional—110 contos.

Arruamentos: obras na Junqueira—90 contos; na encosta da Ajuda—200 contos; na zona entre a Alameda do Infante D. Henrique e a linha ferrea—700 contos; entre as ruas Saraiva de Carvalho e Coelho da Rocha—100 contos; prolongamento das ruas Estácio da Veiga e Conde de Monsaraz—215 contos; arranjo dos terrenos a sul do palácio da Assembleia Nacional—500 contos; arranjo da encosta do Trol—200 contos.

Estas verbas são um acréscimo a muitas votadas no orçamento do principio do ano.

O sr. dr. Oliveira Salazar

congratulou-se com a conclusão do acôrdo ortográfico luso-brasileiro

(Continuação da 1.ª pag)

—como o Rio liberalmente nos envia nas suas missões—têm o dom de descobrir para os mesmos conceitos formas sempre novas e de multiplicar até ao infinito a expressão dos mesmos sentimentos.

Depois:

—Seria aliás inutil falar da constancia dos nossos sentimentos afectivos para com o Brasil: quem quer os nota como coisa simples e natural na gente portuguesa, sem discrepancias nem exclusivismos de classe, idade ou cultura. Quer no convívio das Academias ou de outros meios intelectuais, quer nas altas relações de Estados, na condução dos interesses económicos, na comunhão entre os dois povos que aspiram e para os quais nós aspiramos á invejável situação de terem quasi duas pátrias, são verdadeiramente unicos os sentimentos fraternos que nos unem. E quando, dentro de alguns dias, pudermos receber em Lisboa, por extrema amabilidade do Governo brasileiro, os vossos soldados de regresso dos campos de batalha da Europa, vós vereis que o povo os confundirá com os seus próprios filhos, na ternura e no orgulho com que há-de rever-se neles.

O sr. Presidente do Conselho afirma a sua satisfação por ter sido possível «chegar a inteiro acôrdo com a nossa Academia na questão ortográfica e que, para futuro, fortes da unidade d'vistas dos dois Governos, não possamos já recear pela unidade intercontinental da lingua portuguesa».

—Deixai-me esperar—acrescenta—que nos próximos anos—trabalho para algumas dezenas—vejam portugueses e brasileiros desentranhar-se em proveito das duas nações e do

PEÇA EXIJA BEBA

CORGO

PORTO E BRANDY

Sociedade dos Vinhos do Alto Corgo, Ltd.

Depositários: SOTRAL, LTD.

Travessa das Mercês, 23 - Lisboa

O misterioso as

está a ser

O crime de que foi vítima o treinador do Sporting, Joaquim Ferreira, tem sido o assunto de todas as conversas nos meios desportivos, formulando-se sobre o caso as mais variadas hipóteses, dado o misterio que rodeia o caso.

No domingo, a vítima esteve no Ginjal a jantar com os srs. Isaac Sequerra e Alvaro Cardoso da Silva, respectivamente vice-presidente e capitão do Sporting. Regressados a Lisboa, foram todos para o «café» Martinho, onde se conservaram até á meia noite e dez minutos. O sr. Alvaro Cardoso despediu-se e declarou que ia para casa, ao passo que o sr. Sequerra, considerando que ainda era cedo, disse que ia até ao Gremio Alentejano. Joaquim Ferreira, por sua vez, declarou que ia recolher.

E saíram todos, cada um tomando caminho diferente.

Há quem afirme que viu ainda, antes da uma

A Inglaterra e a Rússia

vão retirar as suas tropas

do Teherão

TEHERÃO, 8.—O ministro dos Negócios Estrangeiros da Pérsia recebeu hoje da embaixada britânica a informação de que «foi decidida em Potsdam a retirada imediata das tropas britânicas e russas que se encontram em Teherão». A noticia foi recebida com grande satisfação em todos os círculos persas que acentuam que os Aliados retiraram as suas tropas antes de serem obrigados a isso pelos acordos estabelecidos. Esses acordos diziam que as tropas aliadas só seriam retiradas dentro de seis meses depois do termo das hostilidades. A opinião publica e a Imprensa manifestam a esperança de que serão retiradas as tropas aliadas de todo o território da Pérsia. (R.).

mundo os frutos de séculos de uma história comum.

E conclue:

—Tendo o prazer de receber hoje aqui a missão académica tão altamente representativa da inteligência e cultura brasileira, peço aos meus amigos portugueses me acompanhem na saudação que lhe dirijo. Nela, especialmente na pessoa do seu presidente, dr. Pedro Calmon, que, enquanto professor de Direito, tanto me honro em ter como colega, saudamos o Brasil, como quem diz a outra pátria portuguesa.

O serviço foi da Pastelaria Benard.

Uma visita á Pena

Em seguida ao almoço, o Chefe do Governo e os seus convidados dirigiram-se á Pena, onde admiraram, além da paisagem e do arvoredo, os milhares de formosas begónias que ali se encontram e a que ontem fizemos larga referência.

Descansaram e conversaram durante algum tempo, na Feteira das Camélias, junto á Fonte dos Passarinhos, regressando depois a Lisboa, por Cascais e os Estoris.

O PORTUGAL-ESPANHA em atletismo

Por intermédio da comissão de intercambio desportivo, a Direcção Geral dos Desportos recebeu uma comunicação telegráfica de Madrid pela qual o encontro Portugal-Espanha em atletismo foi definitivamente fixado para os dias 15 e 16 de setembro, em Lisboa.

Se passar por Samora Correia VISITE A PENSÃO NAZARENO

LIVROS AM

Técnicos de tôdas as espec

LIVRARIA ANG

Rua Bernardino Costa, 32 (ao Ca

Assassinio de Joaquim Ferreira

Objecto de intensas investigações

hora, o Joaquim Ferreira em frente do Parque Mayer, a conversar com um indivíduo. Isto indica que ele, morando muito perto do «café» Martinho, na calçada do Lavra, não fez logo caminho para casa, quando se despediu dos amigos com quem estivera momentos antes e andara durante a tarde.

O caminho da vítima

Como foi o Joaquim Ferreira atraído ao Parque Eduardo VII? Aquela hora, com uma noite bastante ventosa, o Parque Eduardo VII não era dos sítios mais convidativos para passear, tanto mais que se encontrava mergulhado nas trevas e é um local onde, ultimamente, algumas pessoas têm sido assaltadas e despojadas do que levam nos bolsos.

Ainda não há muito tempo, furtaram a um rapaz o seu fato novo, dando-lhe em troca uma velha fardeta de cotim. Mas o treinador do Sporting era uma pessoa bastante experientada na vida e conhecia o Parque Eduardo VII, pelo que não era admissível que fosse para ali passear àquela hora, a não ser levado por pessoa da sua confiança. De resto, ele dizia a alguns amigos com quem falava ultimamente que estava a deitar-se cedo para aproveitar as férias do futebol.

Onde foi praticado o crime?

Ainda não foi possível determinar onde se deu o crime, pois em vários sítios do Parque Eduardo VII, distanciados uns dos outros, havia várias manchas de sangue no empedrado. A polícia colheu algumas dessas pedras, que levou para o Tórel, a fim de as manchas de sangue serem examinadas no Instituto de Medicina Legal, para se verificar se todas são da vítima.

O roubo do automóvel é também misterioso?

Terá ou não o automóvel encontrado, qualquer ligação com o crime? Há quem admita que sim e há também quem tenha a convicção de que os dois casos se não devem relacionar. Tudo é possível.

Quem furtou o carro é pessoa que sabe manejar a vontade um volante e conhece bem toda a mecânica dum automóvel, assim como a sua instalação eléctrica. Se o objectivo fosse só roubar a telefonia, isso poderia fazer-se no local onde o carro se encontrava e não era preciso ir com ele para o Parque Eduardo VII. Tudo isto é estranho e confuso, não devendo deixar de registar-se que o carro estava calçado com óptimos pneus.

Na véspera do crime, também foi furtado um carro, na avenida de Berne, levado dali para a Estrela, onde o deixaram abandonado depois de lhe tirarem o aparelho de telefonia.

A marcha das investigações

O chefe Pereira dos Santos e os agentes Armelino, Eloy e Mandail procederam, durante o dia, a várias diligências, tendo ouvido algumas pessoas que se davam mais intimamente com a vítima, sem que, até agora, haja uma pista segura para a descoberta do crime. No entanto, tem aparecido muitas sugestões e alvites, seguindo a Polícia atentamente todas as pistas viáveis que têm surgido.

Uma pista a seguir

Alguém, que na noite de domingo, cerca das 22 e 30 horas, seguiu num «electrico» pela avenida acima, surpreendeu a conversa de um casal, em que o indivíduo de sexo masculino sugeria a mulher um passeio, naquela noite, de automóvel, pelo Parque Eduardo VII. A pessoa que tal afirma ter ouvido diz que reconheceria as pessoas em questão caso lhe sejam presentes.

Terá este caso alguma relação com o roubo do carro ou o crime? É um aspecto a esclarecer.

CHEGOU A MOSCOVO

o chefe do Governo chinês

LONDRES, 8.—Anuncia-se que já chegou a Moscovo o presidente do conselho da China, dr. Soong, acompanhado do ministro dos Negócios Estrangeiros, Wong Shihshieh e do filho do generalíssimo Chang-Kai-Chek. A missão chinesa foi já recebida por Estaline na presença de Molotov, tendo recomçado as conversações iniciadas pouco antes da Conferência de Potsdam.

Assistiram também os embaixadores da Rússia na China e deste país na Rússia.—(U. P.).

ERICANOS

idades acabam de chegar à O-AMERICANA

do Sodré) Telefone 27.703

Uma nova versão da viúva

A sr.^a D. Ofélia Ferreira diz que seu marido usava uma carteira de cabedal com 5 compartimentos destinados a notas de várias importâncias, que tinha a quantia de 450\$00. Diz que seu marido lhe comunicara a semana passada, que tencionava ir para a Nazaré durante uma semana, chegando a pedir para lhe arranjar a mala. Acrescentou que, há uns dias, passou a noite fora de casa dizendo que tinha ido para a Nazaré, sabendo ela depois, pelos seus irmãos, que ele andara a passear nesse dia na feira de Setúbal, e que bastante a surpreendeu.

Nestas investigações houve uma falta importante logo no seu início: foi a do corpo ter sido levantado do local onde foi encontrado, sem a presença dos peritos do Instituto de Medicina Legal, cuja opinião muito poderia contribuir para simplificar um pouco as investigações.

A autópsia deve ser feita amanhã.



Sir George Paget Thomson

OS EFEITOS DA BOMBA ATÓMICA

Tôda a população de Hiroshima

morreu em consequência da explosão

A cidade transformou-se num montão de ruínas

GUAM, 8.—Uma temperatura comparável á provocada por um astro produziu-se quando a bomba atômica explodiu no coração de Hiroshima, onde continuam a lavar os incêndios. Por causa da terrível reacção provocada pela explosão, foi impossível aos aviadores em reconhecimento conseguirem fotografias, em sentido vertical, mas obtiveram-se fotografias tiradas em obliquo. Essas fotografias mostram claramente gigantescas, nuvens de fumo branco elevando-se a mais de 10.000 metros. Não há qualquer indicação do ponto exacto em que a bomba atômica caiu, mas calcula-se que foi no centro do alvo. A despeito dos sete rios que passam pela cidade e que forneceriam normalmente água para dominar os incêndios, estes espalharam-se com a rapidez do raio. Fotografias tiradas ao fim da tarde de ontem revelaram que alguns incêndios não estavam ainda dominados. Literalmente tudo quando existia com a excepção das estruturas de cimento armado que se supõe que constituam abrigos anti-aéreos ficou completamente destruído.—(Reuter).

A destruição de Hiroshima

NOVA YORK, 8.—Uma emissão da rádio de Tóquio captada em Nova York diz que a bomba atômica matou todos os seres vivos—humanos e doutra espécie—em Hiroshima. A rádio acrescentou que os mortos estão de tal forma queimados que não podem ser reconhecidos. As autoridades não conseguem conhecer o numero definitivo das vítimas. A cidade transformou-se numa montanha de ruínas. A rádio de Tóquio acrescentou: «Os efeitos foram tremendos. Os que estavam na rua e nas praças da cidade foram queimados vivos e os que se encontravam em casa morreram em consequência da pressão do ar e do calor. Com as destruições que se deram em que se incluem os hospitais e as farmácias, as autoridades estão impossibilitadas de agir».—(R.).

As recriminações de Tóquio

NOVA YORK, 8.—A rádio de Tóquio diz que «Hiroshima é uma cidade de ruínas e mortos tão numerosos que é

impossível contá-los. O poder destruidor dessas bombas é indiscutível. É impossível distinguir os sexos entre os que foram mortos pelo fogo. Os círculos oficiais de Tóquio recordam o artigo 22.º da Convenção de Haia, o qual claramente estabelece que ataques a cidades abertas são actos imperdoáveis. Os Estados nidos deviam lembrar-se de que prostetaram junto do Governo japonês, por diferentes vezes, em nome da Humanidade contra os «raids» japoneses na China».

Mais tarde, a mesma rádio disse que os círculos oficiais de Tóquio declaram que o uso da bomba atômica representa uma violação da Lei Internacional.—(R.).

A bomba destruiu 60 por cento de Hiroshima

GUAM, 8.—Segundo as fotografias colhidas nos vãos de reconhecimento, a bomba atômica lançada ante-ontem na base militar nipônica de Hiroshima, destruiu 60 por cento da cidade, e atingiu o coração daquela cidade como se fosse um gigantesco «bulldozer», arrasando grandes edifícios. O efeito da bomba foi tão terrível que não foi possível dominar os incêndios. Um desses incêndios espalhou-se por três quarteirões da cidade. No coração desta apenas se mantém de pé algumas estruturas de cimento armado. Mantem-se ainda o maior segredo acerca da operação em conjunto.—(R.).

O imperador do Japão recebeu o ministro das Informações

LONDRES, 8.—A agência noticiosa japonesa anunciou hoje que o dr. Hiroshi Shimomura, ministro das Informações, esteve hoje no Palácio Imperial e apresentou ao imperador um relatório sobre assuntos da sua jurisdição.—(R.).

O TEMPO QUE FAZ

Tempo provável amanhã em Portugal, segundo a previsão do Serviço Meteorológico do Exército:

Vento NNE, moderado fresco. Nortada sobre o litoral ocidental. Céu limpo ou pouco nublado. Temperatura sem grande modificação.

Temperaturas extremas em Lisboa, hoje, até às 16 horas, segundo o registo do Observatório Infante D. Luiz: máxima, 25º,4; mínima, 14º,2. No mesmo dia do ano passado: máxima, 25º,6; mínima, 17º,6.

ARMAMAR??

A vossa curiosidade será satisfeita em breve

Estão a postos

Super-Fortalezas

com bombas atômicas em número suficiente para destruir o Japão

WASHINGTON, 8.—Henry Stimson, ministro da Guerra, anunciou que nas ilhas do teatro de guerra do Pacífico se encontra pousado um determinado numero de Super-Fortalezas Voadoras, carregadas com bombas atômicas capazes de destruir por completo não só uma cidade japonesa, mas dezenas delas e todo o Japão, se necessário for.

Acrescentou que o governo de Washington aguarda a resposta do Japão ao ultimato que representa o lançamento da bomba atômica sobre Hiroshima e se Tóquio não aceitar a rendição incondicional, os aviadores americanos continuarão a lançar bombas atômicas sobre o Japão até que este país se submeta.—(United Press).

A reserva de uranio existente na Grã-Bretanha

LONDRES, 8.—A Grã-Bretanha dispõe de alguns milhares de toneladas de uranio, matéria indispensável para a produção das bombas atômicas. Esse minério encontra-se nas colinas de Cornwall. Ao princípio, o uranio era utilizado para a extracção do rádio, mas essa extracção passou a tornar-se muito dispendiosa, tendo sido abandonada.—(R.).

EM 3 LINHAS

Até ao dia 20, na repartição municipal da praça José Fontana, está aberta a inscrição de feirantes para a Feira da Luz.

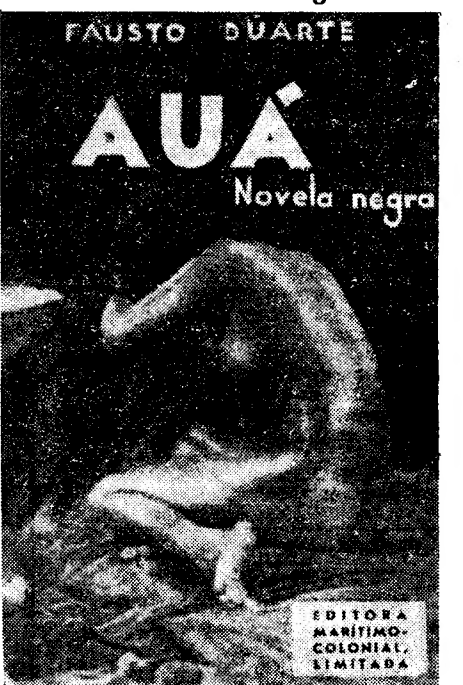
Ao dr. Fidelino de Figueiredo foi concedida a equiparação a bolsêiro fora do país (Brasil) pelo prazo de um ano.

Para abastecimento de águas á vila de Obidos contraiu a Camara Municipal um emprestimo de 315 contos, amortizável em 20 anos.

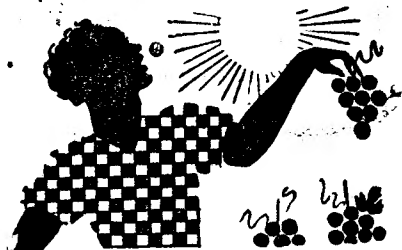
Vão ser destruídos vários mouchões no Tejo, nas áreas de Santarem, Chamusca, Almeirim e Alpiarça.

O sr. Harold Sims, novo consul dos Estados Unidos em Luanda, e que fala português, parte na proxima semana, de avião, para aquela cidade.

Saiu a 3.ª edição desta admirável novela negra



A' venda em todo o país Edição da EDITORA MARÍTIMO-COLONIAL, L.ª, rua do Comércio, 8 — LISBOA



BOAS CÉPAS FAZEM BOM VINHO!

Que boas cépas
as Ramíscos!
Sob a triplíce in-
fluência da areia
sêca, do ar salino
e da luz ardente,
produzem cachos
magníficos dos
quais só os bagos
mais perfeitos são
aproveitados para
o lagar.

Que cépas mari-
vilhosas! E que vi-
nho prodigioso é o
VINHO
DE

COLARES

CAMAS

de rede, sacos de campismo com armação de
junco, e todo o variado sortido de Campismo.
VICTORINO DE SOUSA, L.DA
R. dos Correios, 202—Telef. 2 7458

Patinha & Campos, L. da

Por escr. de 7 de Agosto corrente, lavrada
a fls. 20 v. do livro n.º 489, das notas do no-
tário Dr. Caetano Nunes, desta comarca, o
sócio Francisco dos Prazeres Patinha, saiu des-
ta sociedade, tendo renunciado a gerência e
autorizado que o seu nome continue a figurar
na firma social.—Lisboa, 7 de Agosto de 1945.
O Ajudante de Notário Dr. Caetano Nunes,
Fernando Soares Carinhas.

Policlinica da Rua do Ouro

Entrada: Rua do Carmo, 99, 2.º
TELEFONE 2 6519

Med., coração e pulmões—Dr. A. Narciso, 5 h.
Cirurgia, operações—Dr. Bernardo Vilar, 5 h.
Rins, vias urinárias—Dr. M. Magalhães, 1 h.
Pele e sífilis—Dr. Correia Figueiredo, 6 h.
Doenças nerc., electroterapia—Dr. R. Loff, 3 h.
Doenças dos olhos—Dr. Mario de Matos, 2 h.
Estômago e intestinos—Dr. Mendes Belo, 4 h.
Garg., nariz, ouv.—Dr. Afonso Simão, 3 e 30 h.
Doenças sr.ªs operações—Dr. C. Afonso, 3 h.
Doenç. das crianças—Dr. G. Coelho, 5 e 30 h.
Boca, dentes, prótese—Dr. A. Lima, 2 h.
Rais X—Dr. Aleu Saldanha, 4 h.
Fisioterapia—Dr. Mario Jacquet, 4 h.
Analises clinico

Pneus 650 X 16

Compram-se de preferência novos. Dirigir-
se ao porteiro do Hotel Império, Rua Rodri-
gues Sampaio.

Companhia dos Caminhos de Ferro Portugueses

AVISO AO PÚBLICO

Transporte de oxigénio e de ácido carbónico
em grande velocidade

Como excepção ao que dispõe a alínea a)
do artigo 28.º da Tarifa Geral, as estações de
toda a rede explorada por esta Companhia
aceitam a despacho, em grande velocidade,
oxigénio e ácido carbónico, desde que sejam
apresentados acondicionados em tubos de
ferro que ofereçam suficiente resistência á
pressão interior e aos embates e choques ex-
teriores e, quanto ao oxigénio, cada remessa
não tenha peso superior a 50 quilogramas.

Fica pelo presente anulado o Aviso ao Pú-
blico A. n.º 224 de 26 de Julho de 1929.
Pelo presente fica também anulado o Aviso
ao Público A. n.º 836 de 29 de Agosto de
1944.

Lisboa, 26 de Julho de 1945.

O Director Geral da Companhia
A. de Lima Henriques

CAMINHOS DE FERRO DO VALE DO VOUGA

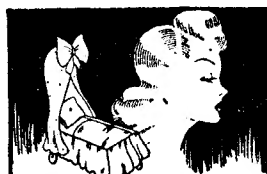
MOTORISTA MECANICO

Admite-se um com carta de serviço publico,
sujeito a exame como mecanico.

Dove ter menos de 30 anos e boas referên-
cias das casas onde serviu nos ultimos três
anos, as quais indicará.

Direito a reforma e mais regalias ferroviá-
rias.

Resposta até 15 de agosto corrente ao En-
genheiro Director da Exploração—Espinho,
Rua 62.



Remineralizando a futura mãe,
nascerá um filho são e resis-
tente a todas as enfermidades



Cuidar a dentição e o desenvolvi-
mento dos ossos constitui a prin-
cipal medida profiláctica que os
pais devem ter com os filhos



Na idade escolar, quando o cerebro
das crianças começa a trabalhar,
deve impedir-se a fadiga que
ocasionam os primeiros livros



A repaça ao fazer-
se mulher, passa por
um período de melancolia,
anemia e fadiga, que devem
ser combatidos sem demora



Em todas
as IDADES...

...é necessário fortalecer os ossos e os músculos para
evitar o esgotamento e a doença. A diminuição da ale-
gria, a falta de apetite, a insónia, o cansaço, a falta de
memória, os nervos excitados, são sinais de alarme com
os quais o organismo anuncia uma perda de resistência.
Se notar qualquer destes sintomas, consulte o seu médico
e recorra com confiança ao Fósforo Ferrero.
Depois de um breve tratamento, os seus músculos tornar-se-ão mais
ágeis, o seu cérebro funcionará melhor, o equilíbrio dos seus nervos
e o bem estar físico dar-lhe-ão mais vida, tornando-lhe o trabalho
fácil e agradável.

Peça sempre o legítimo Fósforo Ferrero

A venda em todas as farmácias em caixas de 20 e 40 comprimidos

Fósforo Ferrero

SUPER-ALIMENTO VEGETAL DE ALTO PODER RECONSTITUINTE E NUTRITIVO



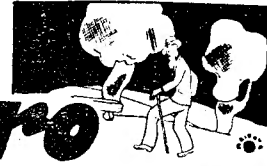
Na adolescência exige-se um esforço
desordenado aos músculos, a que nem
todos os organismos podem resistir



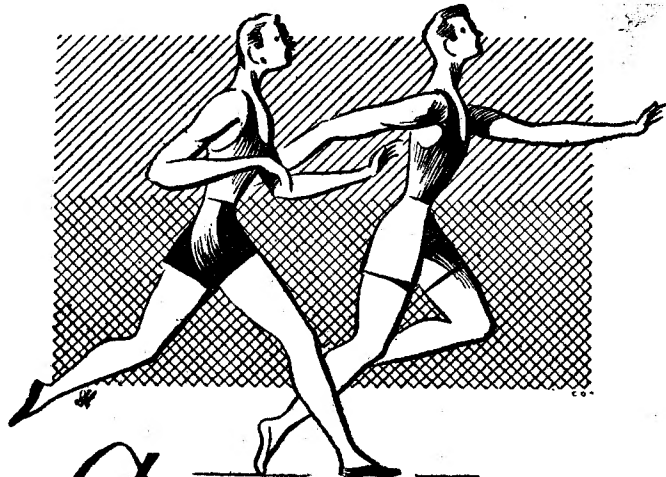
Os jovens que na época de estudos
fortificam o seu cérebro, fazem-se
homens com um porvir sorridente



A família inteira terá optimismo e
alegria vendo que todos os seus
componentes gozam de boa saúde



Nunca será um velho se as
suas faculdades mentais
e os seus nervos conser-
varem o vigor da juventude



Desportistas...

NOTAI QUE A PRÁTICA DE EXERCÍCIOS FÍ-
SICOS REQUERE UMA ALIMENTAÇÃO CUIDADA,
DE FÁCIL DIGESTÃO, MAS DE GRANDES
QUALIDADES ALIMENTARES.
TOMAI VITENA, O ALIMENTO CRIADOR DE VIDA.

VITENA

É UM PRODUTO COPAM

APA

ALCOBAÇA

Visitem o «HOTEL RESTAURANTE BAU»
Esmerado serviço de restaurante e esplendidos
quartos e «apartamentos».

Recomendado pelos Automovel Club de Por-
tugal, Club dos Médicos Portugueses, Club dos
«100 á Hora» e Sociedade Propaganda de Por-
tugal.

Bau só existe um em Alcobaca e não
tem sucursais

NSU BICICLETA QUE NÃO RECEIA CONFRONTO

A PRONTO E EM PRESTAÇÕES

R. EUGÉNIO DOS SANTOS, 171 - LISBOA

BASILISA PEDROSA

Parteira diplomada
Rua Augusta, 275-4.º - Tel. 2 9607

O MARTÍRIO DOS PÉS

FAZ DESEJAR QUE CHEGUE
O FIM DE UM DIA ESTENUANTE

Como sabe bem o descanso no
conforto duma poltrona ao fim de
um dia estafante, com os pés dori-
dos e cansados, os tornozelos inchá-
dos. Mas se pensar no que será
no dia seguinte voltar a andar,
estraga-lhe o prazer deste momento
de descanso. Contudo, está ao seu
alcance aliviar os seus pés cansa-
dos e também evitar todos os dias
o martírio dos pés, banhando-os
num banho de água quente em
que dissolveu uma pequena quan-
tidade de Saltratos Rodel, o bas-
tante para que a água tome aspecto
leitoso. Os Saltratos Rodel liber-
tam oxigénio que dá alívio a todo
o cansaço e inchaço.

Se tiver calos ou calosidades,
amolece-os nesse banho de tal
forma que lhe será agradável e
confortável andar.

Os Saltratos Rodel também neu-
tralizam o mau cheiro dos pés pro-
vocado por excessiva sudorese.

SALTRATOS RODEL

A venda em todas as boas farmá-
cias e drograrias aos preços de
Esc. 5\$00, 10\$50 e 16\$00.

DINHEIRO EMPRESTA-SE

dando-se o maximo sobre todos os objectos

R. Duque de Palmela, 11
4 R. Alexandre Herculano

FUNERAIS

OS MELHORES SERVIÇOS
OS MAIS BAIXOS PREÇOS

Preferir a «SRA» é poupar muito
dinheiro e ter a certeza de ser bem
servido. Facilidades de pagamento
para quem as deseje aproveitar
Rua das Pedras Negras, 5, e/l.

Telefones 2 7286 - 2 8584 - 4 2172

Maria Luiza Leal Elbling

Missa do 30.º dia

Jorge Elbling, enteado e mais familia, par-
ticipam que será celebrada missa pelo eterno
descanso de sua alma, amanhã, 9, pelas 12 ho-
ras, na igreja dos Mártires, agradecendo a to-
dos que se dignarem assistir a este piedoso acto
e que acompanharam sua querida esposa e mãe
á sua ultima morada ou que manifestaram pe-
sar pela perda do ente tão querido.

Os nossos contos

(Continuação da 4.ª pag.)

go. E's francesa, filha dum homem de Moçambique. Eu sou brasileiro, filho dum homem do Pará.

Tu viajando para Portugal, eu também. Conhecemo-nos. Falámos. Sorrimos e em Lisboa continuámos a conversa, durante meses, com as mesmas intenções e os mesmos mistérios... Eu segui para a Itália, tu para Madagascar. Eu combatendo pelo distintivo da minha bandeira, tu indo ao encontro da amizade de tua mãe negra. E é aqui que quero decifrar todo o entusiasmo, toda a embriaguez do nosso amor. Quantas cartas trocámos? Seis, Dez? Foram poucas e as palavras que lá ficaram nunca tiveram a valorizá-las a coragem viril duma saudação mais aproximada... Desabafos, arroufos, mentiras, desejos, todos os sentimentos, menos o que mais estimávamos conhecer: a nossa vida. Mas custa!... No campo de batalha, quando por entre a neve e o fogo o meu batalhão avançava, eu tinha confiança em que haveria outro mundo onde nos pudessemos ver melhor. "No teu país, o sol e o sertão envolvem os corações dum halo de maior grandeza. Mas acolá, eu queria viver por ti sonhando com a morte!... E cicatrizei essa minha esperança com o desejo de te ver de novo, como da primeira vez, vestida de cinzento claro, de olhos negros, dum brilho acentuado: profundamente esquecidos nos meus olhos azues e inquietos de aviador.

Mas olha! — eu estou cansado. Queria contar-te o quê? A minha vida toda, as aventuras por que passei apostando morrer para salvar uma palavra dita. Contar-te com bonomia que o Mundo é novo porque já envelheceu... Que crianças nós somos...

Estou doente, Matilde. Além dos ferimentos que recebi, descobri-me um cancro no estômago e tenho periódicos ataques cardíacos. Pouparam-me balas o que a doença não perdoou. Desculpa a barbaridade da minha franqueza. Mas se me conhecessem melhor, não te surpreenderias com o eco destas revoltas... Como eu invejo a sorte dum pintassileo, que tem um ninho na ramagem duma laranjeira. Mas olha! — queria dizer-te tanta coisa... Amanhã, Amanhã...

A. da S.

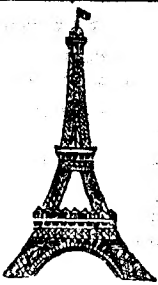
CARTAZ

TEATROS

AVENIDA—A's 21 e 45—«Dominó».
VARIEDADES—A's 21 e 45—«Chuva de filhos».

GINEMAS

S. LUIZ—«Um lugar no céu».
TIVOLI—«A bola de neve».
EDEN—«Tempestade de verão».
POLITEAMA—«Os anjos de grande uniforme».
COLISEU—«Um tiro no estúdio».
ODEON—«Sherlock Holmes» e a «Voz do Terror».
CAPITOLIO—«As aventuras de Bufalo Bill».
TERRASSE—«Fantasmas á solta».
REX—«O magnífico preguiçoso».
LYS—«Fantasmas á solta».
PALACIO—«Sherlock Holmes» e a «Voz do Terror».



OS MELHORES FATOS DE BANHO

(Tabelados)

PARA HOMENS

TORRE EIFFEL

Telef. 23833

Rua do Carmo, 104-106

Esparguete

Confeccionado com o Pó de Caril «FLOR DE LOTUS» é uma delícia.

A venda nos bons estabelecimentos.

O PRETO NO BRANCO

(Continuação da 4.ª pag.)

casa do tio, que morava na rua Caetano Palha, Viriato sentiu-se imensamente infeliz. Tudo lhe era estranho, o vinho maduro, a cor de pele das pessoas, a falta da voz constante dos sinos que, no seu Minho florido e crente, chamam a toda a hora a alma do cristão aos seus deveres para com o céu. Ah! S. Gualter, lhe valesse em terra tão grande e numa rua tão sombria e feia, como é a rua Caetano Palha. E, ou S. Gualter lhe valesse, ou foi logo o Demo que o tentou é o que será impossível averiguar. Porque se deu o azar de, em frente da casa do tio, num rés-do-chão, morar Pepita, espanhola buliçosa de vinte e tal anos, de boca rubra como um «clavel», «metidita en carnes», com dentes de maravilha, olhos negros como o futuro dum ateu, e um jogo de «caderas» quando andava, que por ali logo se via ser a mulher «a maior lança de Satanaz», como dizia S. João Crisostomo. Viram-se os dois e, já se deixa ver, amaram-se. A espanhola era uma rapariga que vivia bem. Era frequente vê-la sair e vir para casa de automóvel—carros particulares, de boa marca, que ela dizia pertencerem a pessoas de «su família» que viviam na capital e eram das altas classes. Porque «su abuelo», dela Pepita, era um general que morrera em Cuba e a mãe, santa senhora, que a acompanhava, fora «ama de llaves» e irmã colcha dos duques de Medina Sidonia.

Se é, Viriato, quisesse casar tinha de ser coisa dita e feita para evitar a oposição da família dela que não levaria a bem vê-la casada com o sobrinho dum merceiro, ainda que rico. E foi assim que Viriato aceitou que lhe pusessem o problema. Ia casar com Pepita Gutierrez d'Aranguena Muñoz y Palacios, levá-la para Guimarães a assistir às «festas Gualterianas» e acrescentar-lhe o apelido Madeira aos seus apelidos castelhanos. O pessoal da mercearia do tio, os vizinhos da rua Caetano Palha, já sabiam todos do que estava decidido. E logo ali começou uma irresistível hilaridade e chacota. Porque, nesta Lisboa, que é uma aldeia, todos aqueles que não possuem a pureza de alma minhota de Viriato, os que estavam «calejados» desta aragem cittadina, sabiam que a irresistível Pepita, debutara em Lisboa, como numero de um programa de «cabaret» e que os automóveis que a vinham buscar e trazer, eram de «admiradores» ricos a favor de quem ela se «monopolizara» com vantagem económica e sem ter que enfrentar o publico que quer que cante bem e dance melhor. Ora já Viriato estava a tratar dos papeis para o casamento, quando o tio soube do caso. E exagerado, como todos os tios que são ricos e donos de mercearias, d'estarte interpelou o sobrinho:

—O meu pedaço dasmo! Essa menina é uma «serva de Deus» que foi «capilheirona» nos clubes.

Viriato empalideceu—e logo ali, seivoso e crente, rebentou com o tio que caluniava a sua amada, saiu de casa, atravessou a rua e foi contar tudo a Pepita. Ao contrário do que ele esperava, Pepita não protestou, limitou-se a

rir, cinica e divertida com o caso. A mãe, «ama de llaves» dos duques de Medina Sidonia, concordou logo que era melhor ele Viriato não pensar mais em «su hijas», porque nunca os duques de Medina Sidonia levariam a bem tal casamento. E Pepita voltou-lhe as costas meneando as «caderas» e começou a cantar a plena voz uma cantiga que parecia mesmo de troça

—Olé, catapum, pum, pum!

Olé, catapum

Viriato ficou p'ra não viver, caiu em si, voltou para casa, pediu informes precisos ao tio, aos colegas—que lhos deram. Pepita, na verdade, era o que eles diziam S. Gualter lhe desse resignação naquela prova, que lhe atirou cinco quilos abaixo em quinze dias, tal o tamanho do desgosto!

Mas para a alma dum português há sempre um recurso nestas crises. No sul é a guitarra. No norte é o violão. Mas é, sempre, por diferente que seja o estilo, o fado sentimental, o fado triste, a grande criação da alma dum povo. E foi por isso que os vizinhos da rua Caetano Palha, ouviram por uma destas noites cálidas e laurentias de agosto que correm, Viriato, acompanhando-se ao violão, á janela do tio, cantando para que Pepita o ouvisse:

—Amei-te com desespero,

Como eu ninguém te quis

E agora que te não quero,

Vejo as figuras que fiz

Ao que Pepita respondia do outro lado da rua:

—Olé catapum, pum, pum

Olé, catapum!

E aqueles «pum»—eram outras tantas balas do coração de Madeira—Viriato de Jesus Madeira, honesto, simples e sadio minhoto, natural de Guimarães, berço desta raça sentimental heroica.—R. C.

VIDA MUNDANA

ANIVERSARIOS

Faz hoje anos o sr. António Marques Soares, empregado do Banco Pinto & Sotto Mayor.

EM VIAGEM

Partiu ontem para Madrid e Barcelona, em missão de estudo, o professor dr. Adolfo Faria de Castro.

FOGO EM PENAFIEL

PENAFIEL, 7.—Um violento incêndio destruiu uma casa na avenida de S. Roque, onde estava instalada uma mercearia pertencente a Domingos Ferreira Aparição. Os prejuizos são totais, mas estão cobertos pelo seguro. A pronta intervenção dos bombeiros impediu que o fogo se propagasse a outros predios.

A FEIRA DE CASCAIS

Volta esta noite a estar aberta ao publico a Feira de Cascais, no Alto de Vista Alegre, agora concluída e melhorada em todas as suas atracções—comidas, bebidas, tiro ao alvo. Mantém-se o preço de entrada, apenas cincoenta centavos, em benefício do hospital da Misericórdia de Cascais.

O seu encanto seduz

MIMO

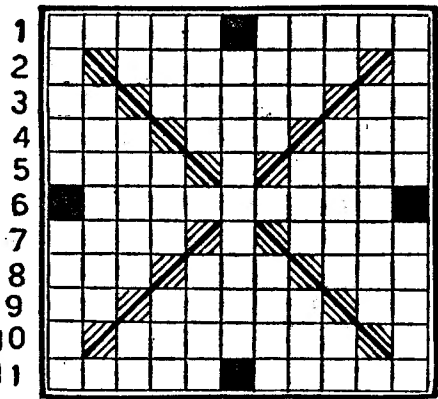
As suas qualidades convencem

FÁBRICA MIMO • GRAEF & CIE • LA CHAUX-DE-FONDS • SUÍÇA

PALAVRAS CRUZADAS

PROBLEMA N.º 1046

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



HORIZONTAIS—1—Cidade da Holanda na margem do rio Mark. Cognome do ultimo rei da segunda Dinastia. 2—Celebre matematico e astrónomo francês, criador do sistema cosmogónico. 3—Prejizo de negação. Roivoso. Pópa. 4—Santo. Eial Ente. 5—Entre nós. Especie de batraquio da familia dos ranídeos. 6—Afrontara. 7—Vendeu a crédito. Suletrara. 8—Chefe etiope. Consentimento. Maior. 9—Campeão. Irmãos. Isolado. 10—Antigo reino fundado por Sancho Garcês Abarca nas duas vertentes dos Pireneus. 11—Cerceie as asperezas de. Abriga.

VERTICAIS—1—Aragem. Rocha escarpada. 2—Antiga medida de cereais equivalente a dois selamins (pl.). 3—Artigo definido (ant.). Mus. Em a. 4—Entregai. Pau ferro. Grande porção de agua salgada. 5—Interjeição. Rio de França, afluente do Guroia. 6—Cada uma das duas vigas em que assenta o tabuleiro duma ponte. 7—Habituação. Habita. 8—Ferro temperado e endurecido. Cloro de sódio. Senhores (abrev.). 9—Catedral. Curen. Nesse lugar. 10—Observações. 11—Sobrecarrego. Perfume.

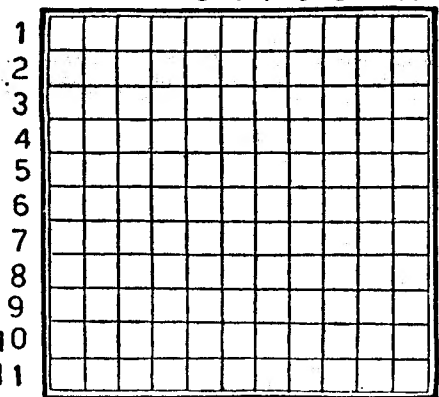
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 1045

HORIZONTAIS—1—Certa. Corvo. 2—Lia. Rir. Ion. 3—E's. Junot. Si. 4—Cá. As. 5—Oh! Sem. Ou. 6—Pitágoras. 7—Aa. Lar. Vá. 8—Só. Lá. 9—Na. Sorri. Ac. 10—Ira. Lua. Ali. 11—Aerea. Serôa.

VERTICAIS—1—Cleptomania. 2—Eis. Opa. Are. 3—Rã. Chias. Ar. 4—Já. Os. 5—Aru. Sal. Olá. 6—In. Ega. Ru. 7—Cro. Mor. Ras. 8—Tá. Li. 9—Ri. Soava. Ar. 10—Vos. Usa. Alo. 11—Onipotencia.

(NOVA MODALIDADE) PROBLEMA N.º 135

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11

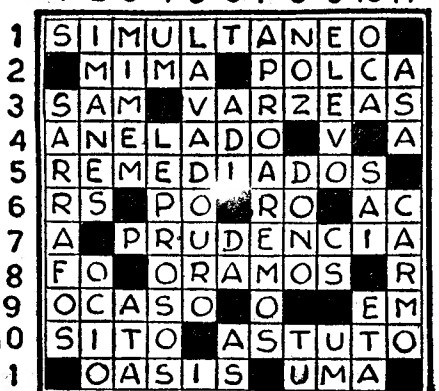


HORIZONTAIS: 1—Agarrado. 2—Prover. 3—Doutor. Colocará. 4—Titulo duma das mais célebres obras de Eça de Queiroz. Queridas. 5—Acometo. Céu. 6—Remelentas. 7—Artigo definido. Substancia filamentosa produzida pela larva do sirgo. 8—Apelido. Devastar. 9—Partiam. Vi. Simbolo quimico do bromo. 10—Erva, o mesmo que pango (pl.). Lavra. 11—Substancia que forma o tecido celular da pele e das cartilagens nos animais. Colorido.

VERTICAIS: 1—Rêde para a pesca de camarões. 2—Atolais. 3—Protelam. Patroas. 4—Cinjas. Pronome pessoal. 5—Nota musical. Graça. Cidade de França. 6—Estás. Bardo escocês do século III, filho de Fingal, rei de Morven. 7—Duas letras de rota. Contra's casamento. Apellido. 8—Restaurados. 9—Ave de rapina. Chiste. Antes de Cristo. 10—Ofertaras. Inauguro. 11—Rezas. Pôr fóro em.

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 134

1 2 3 4 5 6 7 8 9 10 11



Vida desportiva

TENIS

As últimas finais do torneio da Curia

CURIA, 8.—(Pelo telefone)—O entusiasmo que caracterizou estes importantes campeonatos de tennis promovidos pelo Curia Palace Sport Clube não abrandou com o termo de três provas e a abalada de alguns concorrentes. Disputam-se ainda a prova de singulares-sehoras e várias competições englobadas na designação de taças Consolação.

Depois de vários encontros chegaram à «final» de senhoras duas concorrentes: miss Flint e Peggy Brixhe, na realidade, as melhores jogadoras inscritas. Até certo ponto, a sr.^a Flint, tecnicamente mais perfeita, apresenta-se como favorita; mas a verdade é que Brixhe, mais jovem e entusiástica, bem poderá vencer. Não há entre as duas concorrentes uma diferença de valor que permita fácil vaticínio.

Também decorreu com empenho o campeonato de consolação na categoria de singulares-homens. Venceu com brilho Joaquim Nunes dos Santos, por certo o mais forte e o mais persistente, que derrotou na «final» Gabor Weiss. Foi uma partida renhida, pois o vencedor encontrava-se em dia de inspiração—com tudo a sair-lhe bem.

Outra prova que está a ser disputada com animação é a de pares-mistos. Estão na liza jogadores fortes. Hoje, segundo os nossos cálculos, devem acabar finalmente os mais concorridos campeonatos do tennis portugueses.

T. da S.

PARA OS NOSSOS POBRES

Com destino aos pobres nossos protegidos recebemos e agradecemos 13\$60 do sr. Alvaro Andrade e Silva Passarinho; e 10\$00, do Grupo «Os 10 Alcanhados da Mouraria», comemorando o seu passeio ao norte.

Um bairro de casas económicas

projectado para Vendas Novas

A Misericórdia de Vendas Novas, reconhecendo a necessidade de auxiliar a classe de trabalhadores mais necessitados, depois de ter construído há quatro anos um hospital, em que desenvolveu importante assistência clínica e cirúrgica, resolveu agora pedir ao Governo a construção dum bairro de casas económicas. Os terrenos são oferecidos pela Misericórdia e valem mais de cem contos. Os dirigentes da Misericórdia, que contam com a boa vontade e a generosidade dos habitantes de Vendas Novas, solicitaram do director geral dos Serviços de Urbanização a assistência técnica e gratuita para o estudo e projecto do referido bairro económico.

TAUROMAQUIA

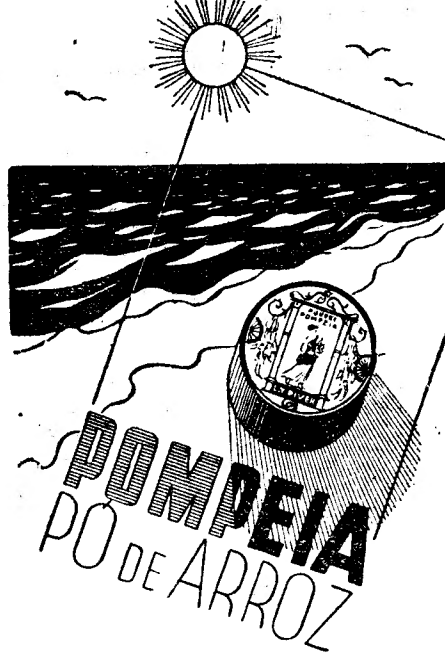
Manote e outros astros
são esperados no Peru

LIMA, 8.—Manote, o famoso astro do touro espanhol, virá este ano, a fim de tourear na praça de touros de Lima. Anuncia-se também a vinda dos toureiros Pepe Luiz Vasquez, Luiz Miguel «Dominguín», Antonio «Bienvenida» e Juanito Belmonte. O empresário pensa conseguir touros espanhóis. Reina grande expectativa entre os aficionados.—(R.).

OS RAPAZES DA CIDADE

Dos rapazes até agora recolhidos nos dormitórios da Casa dos Rapazes da Cidade, com idade para o trabalho, 40 estão já colocados a trabalhar, com ordenados que asseguram a sua alimentação. Trata-se de rapazes de menos de 18 anos, que melhoraram, pelo convívio e tratamento, o seu modo de ser. Mais 20 rapazes, em condições semelhantes, aguardam agora a sua vez.

PARA A PRAIA



A cutis é mármore pela sua beleza e flôr, pelo seu perfume, com o uso do Pó de Arroz Pompeia; conserva-se inalterável todo o dia e funde-se com a beleza natural.

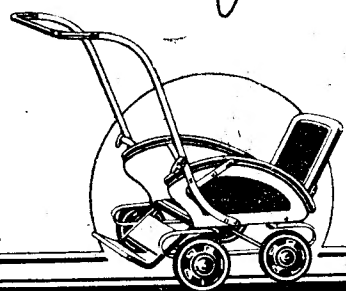
L.T. PIVER



A cadeira de molas, ideal para o bebé, mas acessível às bolsas mais modestas, possuindo todas as vantagens e características vitais de elegância e qualidade dos melhores modelos



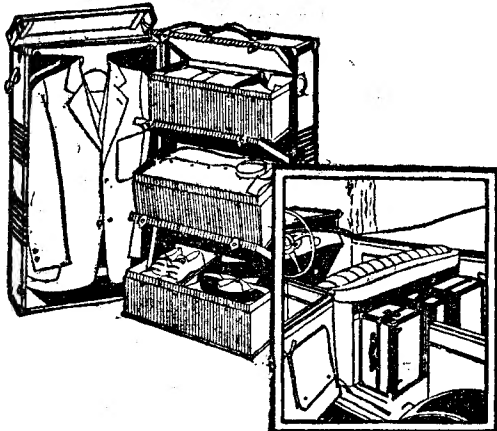
ESC. 550\$00



Não consinta que lhe vendam um carro anónimo ou de marca desconhecida.—Exija a identificação «FÁBRICA» nos tampões das rodas, na chapinha metálica da carroçaria e na etiqueta original de garantia.

Fábrica em S. João da Madeira

Mostruários em Lisboa: Rua Augusta, 280-4. (elevador)
Vendas ao público: Nos Bazares de primeira ordem



FÉRIAS

Confortáveis com as malas elegantes e práticas fabricadas pela
CASA DAS MALAS

(FUNDADA EM 1887)

Sempre à frente no progresso desta industria

Rua do Ouro, 180-182 ♦ Rua da Prata, 110, 112, 114

Meta na sua cabeça que é a casa



Au Bon Marché

que mais barato vende e maior sortido apresenta de Talheres, Louças, Vidros, Cristais, Artigos para Brindes e Ménage.

A U B O N M A R C H E'

45, RUA DA ASSUNÇÃO, 47

LAMINAS

Gillette continua a ser o mais perfeito sistema de barbear que existe no mundo. Nenhum outro processo lhe poderá dar uma barba mais bem feita; desde que empregue as lâminas Gillette Azul ou Gillette Dourada, obterá a perfeição.



GILLETTE

75, RUA DA CONCEIÇÃO, 1.º, LISBOA

Uma cientista austríaca que se dedicou ao problema dos átomos foi impedida pelos alemães de abandonar o país

ESTOCOLMO, 8. — (Do correspondente especial da Reuter, Thomas Harris). — A professora Lise Meitner, de 66 anos, judia austríaca, que iniciou as investigações acerca da possibilidade da bomba atómica, teve a coragem de fugir da Alemanha nazi, sem passaporte, trazendo o segredo, a fim de poder trabalhar em liberdade. Contudo, a professora Meitner poderia ter continuado os seus trabalhos de investigação em Berlim, por que o Alto Comando alemão compreendia a importância desses trabalhos para a futura guerra. Quando manifestou o desejo de partir, por não estar de acordo com o regime nazi e procurar trabalhar em liberdade, foi-lhe declarado que nenhum sábio proeminente podia abandonar a Alemanha. Ela vive agora numa parte de casa mobilada, toca piano e executa de preferência música clássica alemã. Declarou ontem à noite aos jornalistas:

— Penso que estes princípios serão aplicados especialmente para criar novas forças para o bem.

A professora Meitner iniciou os seus trabalhos nos laboratórios do Instituto Kaiser Wilhelm, em Berlim, em colaboração com o seu sobrinho, dr. Robert Frisch, que trabalha agora em Copenhague. — (R.).

A imprensa inglesa comenta a notícia com entusiasmo

LONDRES, 8. — Os jornais de hoje manifestam grande júbilo pela revelação da bomba atómica e do poder destruidor que a caracteriza. O «Times» diz que a humanidade tem agora de escolher entre a vida e a morte. Uma das alternativas, a abolição de certos serviços pesados e um extraordinário progresso material. A outra alternativa é um rápido fim da nossa civilização e da própria vida no mundo.

O «News Chronicle» declara que o mundo está prestes a ser testemunha do início dum novo e mais saudável mundo, ou então da morte da civilização. Todos os jornais estão de acordo em que a nova arma deve ficar reservada para o interesse de todo o mundo e não pode ser entregue a qualquer das nações. Concordam também em que o Conselho de Segurança das Nações Unidas, como órgão da fiscalização internacional, não é suficiente.

O resto do mundo, e especialmente a Rússia, observa o «Manchester Guardian», não pode conformar-se com a ideia de que uma arma desse poder constitua monopólio dos Estados Unidos e da Grã-Bretanha. O articulista prossegue: «Se não partilharmos estes segredos podemos estar certos de que em pouco tempo voltará a reinar o mal estar no mundo. Infelizmente, como órgão de fiscalização internacional, o Conselho de Segurança das Nações Unidas está longe de corresponder às necessidades. Baseia-se na soberana independência das grandes potências. Como nenhuma nação que não disponha da bomba atómica pode considerar-se, em última instância, segura quer da sua soberania, quer da sua independência, a consequência natural é que, dado o conceito que presidiu à organização do Conselho de Segurança, cada uma das grandes potências manteria as suas próprias fábricas de bombas atómicas. Nada poderia ser mais perigoso do que isto. Semelhante acordo viria a trazer a calamidade final. A própria razão ensina a humanidade que a guerra se vai tornando num suicídio. Mas, a razão nem sempre domine revelar profundas convicções». — (Reuter).

PRIOR DOS MARTIRES

Depois de uma grave doença que o reteve no leito durante muito tempo, regressou hoje às suas ocupações habituais o rev. conego Joaquim Alberto, prior dos Martires. O seu regresso às actividades eclesásticas provocou grande contentamento entre os seus paroquianos, que muito o estimam, pelo que o conego Joaquim Alberto foi muito cumprimentado.

PILAR PRIMO DE RIVERA

No «Lusitania-Expresso» chegou hoje a Lisboa D. Pilar Primo de Rivera, chefe da secção feminina da Falange Espanhola, que vem passar uma temporada no Hotel Miramar, no Monte Estoril, com sua irmã D. Carmen, esposa do consul geral de Espanha em Portugal.

NO BAIXO ALENTEJO

BEJA, 6. — Durante o passado mês de julho, o movimento da Biblioteca Municipal de Beja traduz-se pelos seguintes números: leitores, 230; volumes consultados, 331; visitantes, 43; publicações recebidas, 66.

— A Grande Feira de Agosto, na capital da província, uma das mais importantes de todo o país, começou ontem, prolongando-se até ao dia 17. Promete estar animada, apesar do ano agrícola ter sido dos piores dos últimos tempos.

— Na sede do Circulo de Cultura Luso-Francesa do Baixo-Alentejo foi inaugurada uma exposição de 37 quadros a oleo do pintor Francisco Guerreiro, de Portimão. Todas as telas focam motivos turísticos da zona barlaventura do Algarve.

— Regressou de Lisboa, onde permaneceu uma semana a tratar de assuntos de interesse para o distrito, o sr. dr. Quirino Mealha, governador civil de Beja.

— No dia 19, realizar-se-á, em Odemira, a favor do hospital local, um grande cortejo de oferendas, no qual se incorporarão todas as freguesias do concelho.

— Em Odeceixe está já instalada a 10.ª Colónia Balnear organizada pela delegação em Odemira da Liga dos Combatentes da Grande Guerra e destinada a filhos de combatentes. A colónia deste ano compõe-se de 30 crianças, sendo 4 filhas de trabalhadores da Camara Municipal.

— A ordem do capitão do porto de Setúbal, deu entrada na cadeia civil de Odemira o barbeiro Vitorino Pereira Candeias, de 55 anos, natural de S. Teotónio, surpreendido a pescar com dinamite.

— Na eira da herdade do Carvalho, próximo de Ferreira do Alentejo e pertencente à Sociedade Agrícola do Vale de Ouro, manifestou-se um violento incendio, por causas desconhecidas. Ardeu trigo no valor superior a 100 contos e que pertencia a vários seareiros. Os prejuizos estão quasi todos cobertos pelo seguro.

— Em Aljustrel, faleceu, com 20 anos, a sr.ª D. Maria Natividade Perdigão Vilhena Capeta, filha do sr. Joaquim Vilhena Capeta, tesoureiro da Caixa de Crédito Agrícola daquele concelho. — (C.).

SUFRAGIOS

D. António Mendes Belo

Comemorando o 16.º aniversário do falecimento de D. António Mendes Belo, Cardial Patriarca de Lisboa, celebraram-se hoje solenes exéquias na Sé Patriarcal. Foi celebrante o rev. conego dr. Honorato Monteiro, acolitado pelos beneficiados Paulo Marques e Canuto.

Dirigiu as cerimónias o beneficiado Soares. Nos cadeirais reservados ao cabido viam-se, entre outros cônegos da Sé, os rev. Damasceno Fiadeiro e Manuel Luiz, e o beneficiado Amadeu Ruas.

No transepto foi colocada uma essa ladeada por seis candelabros. Ao piedoso acto assistiram algumas dezenas de fiéis.

O PORTO pelo telefone

Morte subita

PORTO, 8. — A bordo da traineira «Santa Rita», ancorada em Leixões, faleceu esta manhã, repentinamente, Zacarias Gonçalves Rego, casado, de 52 anos, natural de Povoa de Varzim, e residente em Leça da Palmeira, na rua Heróis de França, 426. O cadáver recolheu ao Necrotério do cemitério de Leça, para ser autopsiado.

PEQUENAS NOTÍCIAS

PELA POLICIA

CHEQUES SEM COBERTURA — O sr. Vitor Figueira, rua de S. João da Praça, 44, queixou-se à P. I. C. contra um individuo, cujo nome indicou, a quem acusa de lhe ter passado dois cheques na importância de 35 contos, para os quais depois verificou que não havia cobertura bancária.

«NOITE DE BELEM»

No Espelho de Agua efectua-se, no próximo dia 15, ás 22 horas, um espectáculo denominado «Noite de Belem», dedicada ao «team» de honra do C. F. Os Belenenses, com a colaboração de alguns escolhidos artistas da Radio, uma boa orquestra e elementos de variedades.

«SEMPRE FIXE»

melhor do que nunca



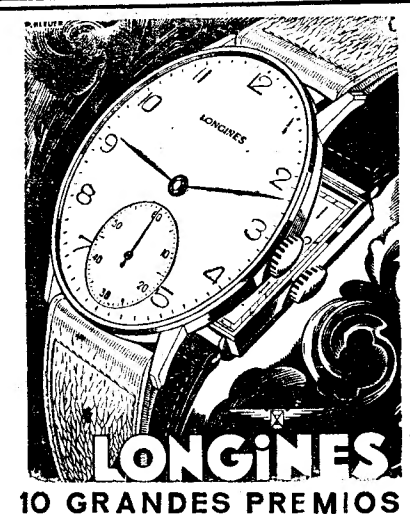
O «Sempre Fixe», continua a ser a melhor trincheira de humorismo da actualidade. O numero que hoje saiu é uma explosão de hilaridade, critica amena e pitorescos oportunos. Mestre Valença assina uma «charge» formidável ao serviço telefonico inter-urbano, e do outro lado, Botelho, num filme animado, como um desenho de Disney, comenta os casos da semana. Além disso, em prosa chamejante de ironia, o leitor deleita-se com os mexeriques dos bastidores, do cinema; sabe como «Esta aconteceu»; dá um salto à cidade Invicta; lê uma novela engraçada que se chama «Melhor situação», etc.

BOLSA DE LISBOA

VALORES	Efectuado	Compra	Venda
Fundos do Estado			
Consolidado 2 3/4 T. 10	992\$	991\$	992\$
Consolidado 3 % T. 10	1.019\$	1.019\$	1.020\$
Consolidado 3 1/2 T. 10	1.059\$	1.059\$	1.061\$
Consolidado 3 3/4 T. 10	—	1.025\$	1.028\$
Centenários 4 % ...	2.492\$	2.490\$	2.492\$
Obrigs. T. 2 1/2 1942	—	—	999\$
Externas 1.ª série	—	—	855\$
Externas 1.ª carimbadas	—	1.775\$	1.790\$
Externas 3.ª série	—	1.940\$	—
Externas 3.ª carimbadas	—	—	1.900\$
Ações			
Est. St.º e Com. L.ª port.	—	2.582\$	2.595\$
Ultramarino op. T. p...	—	485\$	487\$
Portugal port. T. p...	1.680\$	1.676\$	1.680\$
Mundial ...	—	—	1.580\$
Nacional ...	—	—	1.690\$
Sagres ...	2.050\$	2.000\$	2.100\$
Agua Lisboa port.	215\$	215\$	218\$
Cimentos Tejo ...	—	570\$	585\$
Cimentos Leiria T. p...	—	—	1.120\$
Crédito Predial port...	30\$	30\$	30\$
Gás e Electricidade cup.	319\$	318\$	319\$
Alto Alentejo cupão...	870\$	865\$	878\$
Industrial Aliança	—	405\$	409\$
Portugal e Colónias	337\$	336\$	337\$
Nacional Naveg. T. p...	1.008\$	1.006\$	1.008\$
Colonial Navegação	—	1.265\$	1.280\$
Port.ª de Tabacos cupão	622\$	622\$	623\$
Tabacos Portugal cupão	—	730\$	760\$
União Eléctrica Port.ª	—	—	652\$
Casquel ...	1.038\$	1.037\$	1.039\$
Agricultura das Neves	—	767\$	775\$
Agricultura Colonial	500\$	498\$	502\$
Açúcar de Angola...	—	1.870\$	1.890\$
Buzi ...	203\$	202\$	203\$
Ilha do Principe	—	650\$	660\$
Zambézia T. de 25	112\$	111\$	112\$
Obrigações			
Agua Lisboa 5 %	—	540\$	546\$
Norte de Portugal 5%	—	114\$	—
C. P. 6 %	289\$	288\$	290\$
C. P. 6 % Beira Baixa	—	300\$	303\$
F.N.I. Moagem 5% T.p.	—	1.035\$	—

HENRIQUE DE BARROS GOMES

Corretor oficial da Bolsa de Lisboa
TELEF. 25482 RUA DA PRATA 48



PROVE QUE SABE BEBER
PROVANDO E ADOPTANDO



O VINHO BRANCO QUE FAZ
A VIDA CÔR DE ROSA



A REVELAÇÃO DUM JULGAMENTO

Em que consistia o projecto da nova Constituição francesa que Pétain tinha preparado com os seus mais próximos colaboradores

Um documento de importância decisiva para o julgamento do marechal Pétain é o projecto de Constituição que os seus colaboradores haviam preparado e que devia ser comunicado ao povo francês por meio duma comunicação radiodifundida do chefe do Estado, em fins de 1943. Esse documento será, certamente, utilizado pela defesa, mas na audiência de ontem, uma das testemunhas, o almirante Fernet, fez-lhe já largas referências. Disse essa testemunha que o projecto da Constituição que devia ser submetido ao voto da nação francesa se encontrava preparado desde 1941, mas que só foi possível em 1944 dar conhecimento da sua existência. É quasi certo que haja algumas inexactidões na transmissão telegráfica do depoimento do almirante Fernet, que se encontra, naturalmente, empenhado em defender o marechal. A evolução do pensamento de Pétain acentuou-se à medida que, com o decorrer do tempo, diminuía visivelmente o numero de probabilidades que os alemães tinham de ganhar a guerra. Mas em 1941, quaisquer que fossem as suas opiniões pessoais, ainda não chegara para o governo de Vichy o momento de se aventurar por esse caminho.

As divergências entre Pétain e Laval

A ideia de elaborar o projecto duma nova Constituição, que segundo todas as probabilidades e como decreto confirmaria a revelação do seu texto no tribunal, só deve ter começado a encontrar uma expressão prática depois de se iniciar a grande ofensiva dos Aliados, no outono de 1942, e sobretudo depois das vitórias alcançadas por estes em Africa e na frente leste, durante a primavera e o verão do ano seguinte. Efectivamente, foi no decurso de 1943 que a causa dos Aliados entrou, decisivamente, numa fase favorável a qual antecipava a decisão final da luta.

E foi também nesse ano que a politica do marechal e dos seus colaboradores mais directos, que eram nessa altura, além do dr. Menetrel, os chefes dos seus gabinetes civil e militar, Jardel e o general Campet, se separou nitidamente da orientação oficialmente seguida por Pierre Laval e pelos ministros que compunham o governo a que este ultimo presidia. A inclusão no governo de uma personalidade da categoria intelectual e da coerência politica do malogrado jornalista Lucien Romier, foi o sintoma mais claro dessa separação e da evolução que, entretanto, se havia operado nas ideias politicas do marechal, durante muito tempo sujeitas à influência dos doutrinários da «Action Française», por intermédio do ministro da Justiça, Raphaël Alibert.

A colaboração de Lucien Romier

Lucien Romier era um perito em assuntos de direito constitucional. Antigo director do «Figaro», consagrara-se como um dos espiritos mais lucidos e clarividentes da França, durante o periodo que decorreu entre as duas guerras. A sua fidelidade ao espirito das instituições republicanas e a sua apreciação justa e inalterável sobre a impossibilidade duma politica de colaboração sincera entre o seu país e o Reich, enquanto o povo alemão ali-

mentasse as suas conhecidas ideias de expansão e hegemonia, eram conhecidas e tinham feito do seu nome uma bandeira do nacionalismo francês, sadio e coerente. Quando se soube que Lucien Romier aceitara, com um sacrificio de ordem pessoal que todos que haviam acompanhado a sua carreira, certamente avaliavam, o posto de ministro do Estado no governo de Vichy, criou-se a certeza de que esse acto correspondia a uma modificação nas directrizes até essa altura observadas no desenvolvimento do principio impraticável da colaboração.

A sua missão consistiu, fundamentalmente, em preparar, dada a sua especial competência e a sua categoria de técnico, o projecto duma nova Constituição que, longe dos devaneios totalitários que predominaram em França, em seguida à assinatura do armistício, se fundamentasse nas melhores tradições do direito publico francês.

O dia 13 de dezembro de 1943

No dia 13 de dezembro de 1943 o marechal Pétain procurou fazer, de Vichy, um discurso radiodifundido no qual se anunciava a proclamação próxima dessa Constituição. «Acabo de terminar a redacção do projecto constitucional, devia dizer Pétain na sua alocução, o qual concilia o principio da soberania nacional e o direito do sufrágio com a necessidade de assegurar a estabilidade e a autoridade do Estado». Simultaneamente na sua mensagem, preparada desde a véspe-



LUCIEN ROMIER

ra, o marechal propunha-se anunciar a intenção de devolver à Assembleia Nacional, eleita antes da guerra, os poderes que dela havia recebido.

Esta intenção significava a negação de toda a politica seguida pelo governo de Vichy desde a assinatura do armistício, mas estava de acordo com a transformação que, entretanto, se operara no panorama militar da guerra. O marechal não pôde traduzi-la em actos. O governo alemão, posto ao corrente da intenção de Pétain, proibiu que o seu discurso fosse radiodifundido. Os amigos deste, porém, aproveitaram o ensejo para, por todos os meios ao seu alcance, tornarem conhecida a mensagem do marechal e o projecto de Constituição que ele se propunha submeter à apreciação do povo francês.

Foi esse um dos episódios mais curiosos das relações entre o governo de Vichy e as autoridades alemãs no periodo que decorreu entre a derrota da França e a derrota da Alemanha.

Os sábios de todo o mundo

pretendem tirar conclusões

da descoberta revolucionária

LONDRES, 8—A bomba atómica tornou-se o principal objecto das conversações mundiais. Os sábios discutem os novos e tremendos recursos de energia colocados à disposição da humanidade, prevendo que, em guerras futuras, todas as cidades seriam arrasadas dum só golpe.

Sob o ponto de vista construtivo, prevêem um poderoso substituto para os combustíveis existentes e para a energia eléctrica, tornando possível as viagens à lua e permitindo aos grandes paquetes ser movidos por pequenos motores.

Do Vaticano informam que a noticia sobre a bomba causou profunda impressão na Santa Sé.

Hanson Baldwin, um dos mais conhecidos criticos militares americanos, declarou no «New York Times», que os americanos devem «tirar proveito do tufão» da bomba atómica. Acrescenta: «Por causa da nossa bomba ter sido muito mais eficaz e devastadora, o nome da América torna-

se sinónimo de destruição. Fomos os primeiros a introduzir uma arma de efeitos imprevisíveis que nos pode levar a uma rápida vitória, mas que pode semear ódio muito mais vasto do que nunca. A energia atómica pode muito bem conduzir-nos a um novo mundo em que o homem se torne realmente fraterno, ou então levar-nos a um mundo de trogloditas».

O sábio francês Jean Painlevé comentou a descoberta dizendo, que depois de as explosões da bomba atómica terem destruído toda a vida, a não ser pequenos centros, o homem deve começar de novo e redescobrir o fogo.

O professor H. A. Wilson, um dos sábios americanos que auxiliaram a criar a bomba, disse que todo o uranio do mundo deve ser apreendido e controlado por um organismo internacional como o das Nações Unidas.

O dr. R. E. Volrath, fisico da Universidade do Sul da Califórnia, é de opinião que o poder do uranio permite ao homem alcançar a lua.

Tratando dos aspectos estratégicos da bomba atómica, o correspondente militar da Reuter diz que a descoberta torna as decisões estratégicas tomadas em Potsdam já antiquadas. A segurança não mais se poderá definir pela fiscalização dos Dardanelos, do Canal de Suez, deste ou daquele rio ou montanha.

Em Moscovo, as noticias da descoberta revolucionaria, são dadas nos jornais com grandes titulos, mas sem comentários. Um porta-voz militar em Washington declarou que não pensa que a Rússia partilhasse o segredo da bomba atómica.—(R.).

Uma hipótese

sobre o processo de deflagração do «gatilho» atómico

LONDRES, 8—O correspondente do «News Chronicle», em Nova York, faz a descrição do primeiro «gatilho» atómico desenvolvido, possivelmente apenas em teoria, na Universidade de Columbia, em Nova York. Este «gatilho»—diz o correspondente—pode ter dado origem ao mecanismo detonador da bomba atómica. Diz-se que o mecanismo é extremamente simples e os seus componentes são um pouco de rádio, um pouco de «beryllium», uma pequena quantidade de «uranio 235» e alguma parafina. O correspondente continua: «No mecanismo, os raios do rádio, actuando sobre o «beryllium» fazem com que este emita raios neutrons penetrantes, que são diferentes dos do rádio. Os raios neutrons eram, porém, muito rápidos para afectar o uranio. Por isso, foi necessário retardar os neutrons para uma velocidade designada por 25 mil volts, velocidade a que se supõe que seria desagregado o átomo de uranio. Este retardamento seria conseguido pela parafina. Mas o problema não ficou inteiramente solucionado, pois era preciso forçar o uranio a continuar a explodir os seus átomos automaticamente e, assim, provocar a explosão atómica pela simultanea deflagração de um grande numero de átomos. Neste ponto, julgou-se ainda necessário retardar a velocidade dos neutrons emitidos pelos primeiros átomos de uranio a serem desmembrados. Calculou-se que isso podia ser conseguido envolvendo-se o uranio em parafina constituindo o hidrogénio deste a barreira retardadora».—(R.).

O alvo de Hiroshima fôra escolhido há mais de um ano

GUAM, 8—O brigadeiro Thomas F. Farrell, adjunto do major general Leslie R. Groves, que dirige os serviços relativos ao programa dos bombardeamentos aéreos e dos progressos das bombas a empregar, declarou aos jornalistas que a data de cinco para seis de agosto, para lançamento da primeira bomba atómica sobre o Japão, fôra marcada «há mais de um ano». Este facto foi o inicio de um projecto para se concluir a destruição dos objectivos militares japoneses. Os técnicos que tomaram parte na produção da bomba atómica não podiam calcular precisamente a extensão dos estragos que esse engenho viria a causar. Tinham, contudo, resolvido que a primeira bomba fosse lançada precisamente no centro de Hiroshima, grande base militar e industrial nipónica, na ilha de hoshu. As descrições dos resultados do ataque levam os observadores a supor que Hiroshima deixou de existir.—(R.).

O regresso de Truman a Washington

WASHINGTON, 8.—Vindo de Hampton Roads, Virginia, de onde desembarcou do cruzador norte-americano «Augusta», chegou ontem à noite a Washington, num comboio especial, o Presidente Truman, acompanhado pelo almirante William Leahy, chefe do Estado Maior de Truman, pelo secretário de Estado, James W. Byrnes e por outras individualidades.

O Presidente Truman foi saudado por um pequeno grupo de membros do governo e de outras personalidades.

Fez ontem precisamente um mês que o Presidente Truman embarcou no cruzador «Augusta» para a sua primeira reunião como membro dos «Três Grandes».—(U. P.).

IMPERIUM SAIAO CHA
LANCHES-BANQUETES-ALMOÇOS-JANTARES
Rua S. Justa 105-T 27527

Automobilistas!

Saiu hoje o jornal «O VOLANTE», o segundo numero deste mês. Publica-se com 12 páginas e colaboração seleccionada, tanto de automobilismo como de aeronautica.

Assine O VOLANTE: 12 n.ºs 24\$00.
Rua Rodrigo da Fonseca, 107—Telefone 43654.

ACABA DE SAIR

ASSIM FALAVA ZARATUSTRA

por F. Nietzsche

Um livro sensacional — 1 vol. 16\$00

A venda nas livrarias

GUIMARAES & C.ª, editores

Rua da Misericórdia, 68